



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO



LII-PITAKAJÁ

(Turma II - Temporário)

**Licenciatura Intercultural Indígena das Etnias Pitaguary,
Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé.**

FORTALEZA

22 DE JUNHO DE 2017

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	04
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA UFC.....	11
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LII – PITAKAJÁ.....	13
3 JUSTIFICATIVA.....	15
4 HISTÓRICO DO CURSO.....	16
5 PRINCÍPIOS NORTEADORES.....	26
6 OBJETIVOS DO CURSO.....	27
7 PERFIL DO PROFISSIONAL.....	29
8 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES.....	31
9 ÁREAS DE ATUAÇÃO.....	31
10 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	32
11 EMENTÁRIOS.....	36
11.1 N.F. CULTURAS INDÍGENAS E ANTROPOLOGIA.....	36
11.2 N.F. SOCIOLOGIA E POLÍTICA.....	45
11.3 N.F. EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.....	50
11.4 N.F. PRÁTICAS DOCENTES E DE PESQUISA.....	56
11.5 N.F. MATEMÁTICA.....	63
11.6 N.F. HISTÓRIA.....	70
11.7 N.F. LÍNGUA PORTUGUESA.....	76
11.8 ATIVIDADES: ESTÁGIO E TCC.....	83
12 METODOLOGIAS DO ENSINAR E APRENDER.....	87
13 INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR.....	89
13.1 EQUIVALÊNCIAS.....	91
14 DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA.....	91

15 LIMITES DA CARGA HORÁRIA POR SEMESTRE.....	91
16 LIMITES DE PRAZOS PARA CONCLUSÃO.....	91
17 PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR.....	92
18 MANUAL ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO.....	93
18.1 DIREITOS E DEVERES.....	93
19 MANUAL TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	96
20 MANUAL ATIVIDADES COMPLEMENTARES.....	99
21 AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM.....	100
22 AVALIAÇÃO DO PPC.....	101
23 INFRA ESTRUTURA DO CURSO.....	101
24 REFERENCIAS NORMATIVAS.....	102

1 APRESENTAÇÃO

O curso temporário de Licenciatura Intercultural Indígena das Etnias Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (LII-PITAKAJÁ), está vinculado ao Centro de Humanidades e tem como finalidade geral oferecer formação em nível superior e grau de Licenciado aos discentes pertencentes aos grupos étnicos acima citados.

Para a turma II do LII-PITAKAJÁ, serão ofertadas 50 vagas e a formação continuará sendo constituída por um híbrido de saberes nativos e conhecimentos acadêmico-científicos. Com efeito, o curso habilitará os seus graduados a lecionarem nas escolas indígenas de ensinos fundamental e médio, às disciplinas que pertençam às seguintes Unidades Curriculares:

- (1) Culturas Indígenas e Antropologia
- (2) Educação Escolar Indígena
- (3) Sociologia e Política
- (4) Práticas Docentes e de Pesquisa
- (5) História
- (6) Língua Portuguesa
- (7) Matemática

As aulas do LII-PITAKAJÁ (Turma II) devem ocorrer, habitualmente, na segunda semana completa de cada mês, alternando o campus universitário do Benfica e as aldeias envolvidas no curso, como locais dentro dos quais as atividades e disciplinas letivas acontecem. A alternância dos lugares de ensino e aprendizagem (atividades letivas) será orientada por um rodízio étnico que acompanha o nome dessa graduação: PITAKAJÁ. Abaixo se encontra o modelo de rodízio:

ETAPA	ALDEIA / CAMPUS
1 ^a	PI - Pitaguary
2 ^a	TA - Tapeba
3 ^a	KA – Kanindé de Aratuba
4 ^a	J – Jenipapo-Kanindé
5 ^a	A - Anacé
6 ^a	Campus Benfica – UFC
7 ^a	Recomeça o rodízio na aldeia Pitaguary

As aulas e/ou atividades serão intensivas, presenciais, diurnas e noturnas, ou seja, as ações letivas devem ocorrer nas manhãs, tardes e em duas noites do sublinhado período, isto é, habitualmente na segunda semana de cada mês. De maneira excepcional, as aulas poderão ocorrer em outra semana do mês, de maneira também intensiva, a depender de limites indígenas, acadêmicos, organizacionais ou financeiros que demandem a mudança especial do período de realização das aulas. Em outros casos excepcionais, as aulas poderão ocorrer segmentadas ao longo do respectivo semestre letivo, nos quais os dias e horários devem ser negociados entre Coordenação Geral, Consultor Docente e índios cursistas.

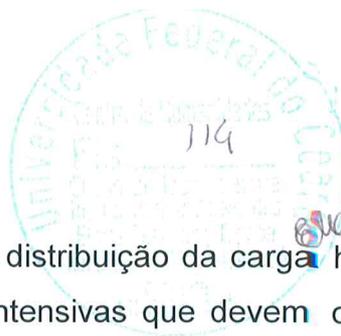
Os horários letivos das disciplinas, quando organizadas de maneira intensiva e presencial ao longo de uma semana mensal (etapa), estão abaixo descritos

Informa-se que a primeira aula de cada etapa terá início na Segunda-Feira às 07hs30min e o término das ações letivas da respectiva semana acontece na Sexta-Feira às 18hs00min. Com efeito, a distribuição dessa carga nos três turnos é efetivada da maneira que se segue:

MANHÃS	O turno tem início às 7hs30min e termina às 12hs00min	4,5 horas/aulas
TARDES	O turno tem início às 13hs30min e termina às 18hs00min	4,5 horas/aulas
NOITES	O turno tem início às 19hs30min e termina às 22hs00min	2,5 horas/aulas

Com efeito, a integralização das horas/aulas de cada matéria corresponde a 50 h/a, conforme quadro abaixo destacado:

5 MANHÃS	22,5 horas aulas
5 TARDES	22,5 horas aulas
2 NOITES	5 horas aulas
TOTAL	50 horas aula por etapa



No quadro geral seguinte, é apresentada a distribuição da carga horária das disciplinas nas etapas semanais, presenciais e intensivas que devem ocorrer nas cinco aldeias envoltas no curso e no Campus da Benfica, na UFC.

Horários	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	Total H/A Dia
07h30min 12h00min	4,5 Horas Aulas	4,5 Horas Aulas	4,5 Horas Aulas	4,5 Horas Aulas	4,5 Horas Aulas	22,5 Horas Aulas
12h00min 13h30min	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	
13h30min 18h00min	4,5 Horas Aulas	4,5 Horas Aulas	4,5 Horas Aulas	4,5 Horas Aulas	4,5 Horas Aulas	22,5 Horas Aulas
18h00min 19h30min	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar	
19h30min 22h00min		Reunião Acadêmica		Noite Cultural		5 Horas Aulas
Total de horas aulas por etapa						50 h/a

Informa-se que nas noites letivas acontecem duas atividades que incrementam das aulas. A primeira ocorre com predominância nas Terças-Feiras e corresponde a um encontro acadêmico amplo que envolve, frequentemente, a Coordenação Geral do Curso, a Coordenação Pedagógica, a Assistência de Integração UFC-PITAKAJÁ, o Consultor Docente da respectiva disciplina, a Coordenação Indígena, os índios cursistas e lideranças indígenas convidadas, para expor e debater assuntos diretamente relacionados à disciplina em andamento e ao curso como um todo. Em virtude da abrangência temática que pode pautar essas

reuniões, opta-se por uma nomenclatura que as tornem mais apropriada aos referidos encontros. Com efeito, o nome para essas reuniões letivas, acadêmicas, reflexivas e deliberativas é Plenária PITAKAJÁ.

A segunda atividade corresponde a encontros étnicos que se realizam, predominantemente, nas Quintas-Feiras e desenvolvem ações e performances de caráter educacional, político, lúdico, sagrado e artístico, dentro do qual participam, habitualmente, os índios cursistas, o Consultor Docente da etapa correspondente, um Assistente de Integração UFC-PITAKAJÁ, as Coordenadoras Pedagógicas e o Coordenador Geral do Curso, Coordenador Indígena, além de lideranças indígenas convidadas. Esses encontros letivos são denominados de Noites Culturais.

A Graduação LII – PITAKAJÁ possui uma carga horária total de 3500 horas/aulas e tem duração mínima de 4 anos e máxima de 6 anos ou, respectivamente, 8 e 12 semestres. O prazo máximo de término do curso poderá ser estendido caso os recursos específicos que mantêm a organização e funcionamento dessa licenciatura, enviados anualmente pela SECADI/MEC, demorem a ser repassados para a UFC em algum momento.

O ingresso de 50 alunos por seleção específica deve ocorrer por meio de edital especial dentro do qual devem conter os seguintes critérios de avaliação:

1	Ser índio pertencente a uma das cinco etnias que constituem essa licenciatura: Pitaguary Tapeba Kanindé de Aratuba Jenipapo-Kanindé Anacé
2	Participar de organizações comunitárias, educacionais, sociais, de saúde, políticas, artísticas, culturais ou outras atividades étnico-indígenas que sejam importantes para as populações índias constituintes do LII – PITAKAJÁ
3	Apresentar declaração de uma organização indígena legalmente constituída ou comunitariamente legítima, da própria etnia a que pertence o índio candidato, confirmando os critérios dos itens 1 e 2.
4	Apresentar diploma de conclusão do Ensino Médio ou curso que seja legalmente equivalente.
5	Não possuir nenhuma formação educacional que atribua ao indígena um

	grau ou título de curso superior tecnológico ou acadêmico.
6	Prova de redação

Essa Licenciatura Intercultural Indígena é amparada por um conjunto de legislação que abaixo é descrito.

1. Constituição Federal do Brasil de 1988: artigos 210, 215, 231 e 232.
2. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional No. 9394 de 20 de Dezembro de 1996: artigos 26, 32, 78 e 79.
3. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, artigos 26, 32, 78 e 79;
4. Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências;
5. Parecer nº 14/99 do Conselho Nacional de Educação, de 14 de setembro de 1999, que dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas;
6. Resolução nº 03/99 do Conselho Nacional de Educação, de 10 de novembro de 1999, que fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências;
7. Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT);
8. Decreto Presidencial nº 5.051, de 19 de abril de 2004, que promulga a Convenção 169 da OIT;
9. Parecer CNE/CP nº 10, de 11 de março de 2002, que responde consulta sobre formação do professor indígena em nível universitário;

- 
10. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) – MEC/1998;
11. Referenciais para a Formação de Professores Indígenas – MEC/2002;
12. Portaria CESI/SESU/MEC nº 52, de 29 de outubro de 2004, que elabora políticas de educação superior indígena;
13. Lei nº 11.514, de 13 de agosto de 2007, que dispõe sobre as diretrizes para elaboração e execução da Lei Orçamentária de 2008 e dá outras providências;
14. Decreto nº 6.170, de 2007, que dispõe sobre as normas relativas às transferências de recursos da União mediante convênios e contratos de repasse, e dá outras providências;
15. Portaria Interministerial nº 127, de 29 de maio de 2008, que estabelece normas para a execução do disposto no Decreto nº 6070, de 25 de julho de 2007, que dispõe sobre as normas relativas às transferências de recursos da União mediante convênios e contratos de repasse, e dá outras providências;
16. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do Artigo 428 da Consolidação das Leis do Trabalho
17. CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996; revoga as leis nºs. 6496, de 7 de dezembro de 1977, e 8859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 92 da Lei 9394, de 20 de Dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida provisória nº 2164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências;
18. Resolução nº 6/CD/FNDE, de 17 de março de 2009, que estabelece as orientações e diretrizes para a operacionalização da assistência financeira suplementar aos projetos educacionais que promovam o acesso e a permanência na Universidade de estudantes de baixa renda e os grupos socialmente discriminados;

19. Resolução CEB nº 382/2003, do Conselho de Educação do Ceará (CEC), que dispõe sobre a criação e o funcionamento de escola indígena no Sistema de Ensino do Ceará e dá outras providências;

20. Relatório do Curso de Magistério Indígena Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé – Nível Médio (MITPJK), de 2003.

21. Parecer CEB nº 1011, de 04 de novembro de 2003, do Conselho de Educação do Ceará, que reconhece o Curso de Magistério Indígena Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé e autoriza a SEDUC a expedir os diplomas ou indicar escolas credenciadas que tenham os mesmos Cursos de formação para o Magistério de nível médio reconhecido para proceder à diplomação;

22. Projeto Político das Escolas Indígenas Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé.

23. Parecer Técnico atendendo à Portaria nº 09/2009, de 26 de maio de 2009, da Pró-Reitoria de Graduação da UFC – Parecerista: Prof. Julio de Barros Neto;

24. Resolução nº 9/CONSUNI, de 12 de junho de 2009, que aprova a criação do Curso de Magistério Indígena Superior Intercultural dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (MISI-PITAKAJÁ), **ad referendum** do Conselho Universitário da UFC.

25. Portaria nº 100/SECAD/MEC, de 6 de agosto de 2009, que torna público o resultado da seleção do PROLIND 2009, publicada no D.O.U. Nº 150, de 7 de agosto de 2009, seção 1, página 21, e onde consta aprovação, pelo Comitê Técnico do PROLIND, dos recursos solicitados para o Projeto MISI-PITAKAJÁ.

26. Resolução CNE/CP Nº 2, de 1º de julho de 2015 que define as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada.

27. Resolução CNE/CP Nº 2, de 7 de janeiro de 2015 a qual institui diretrizes curriculares nacionais para formação de professores indígenas em curso de educação superior e de ensino médio e dá outras providências.

28. Resolução Nº 07 / CEPE, de 17 de junho de 2005.

29. PARECER Nº CNE/CES 583/2001 de 04 de abril de 2001.

30. Resolução Nº 07 / CEPE, de 08 de abril de 1948.

31. Resolução Nº 10 / CEPE de 1º de novembro de 2012

32. Resolução Nº 14 /CEPE de 03 novembro de 2007.

33. Resolução Nº 10CEPE de 23 de setembro de 2013.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA UFC

A Universidade Federal do Ceará é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação. Nasceu como resultado de um amplo movimento de opinião pública e foi criada pela Lei nº 2.373, em 16 de dezembro de 1954, e instalada em 25 de junho do ano seguinte.

No início, sob a direção de seu fundador, Prof. Antônio Martins Filho, era constituída pela Escola de Agronomia, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Sediada em Fortaleza, Capital do Estado, a UFC é um braço do sistema do Ensino Superior do Ceará e sua atuação tem por base todo o território cearense, de forma a atender às diferentes escalas de exigências da sociedade.

A Universidade é composta de cinco campi, denominados Campus do Benfica, Campus do Pici e Campus do Porangabuçu, todos localizados no município de Fortaleza (sede da UFC), além do Campus de Sobral e Campus de Quixadá.

A Universidade Federal do Ceará, que há mais de 50 anos mantém o compromisso de servir à região, sem esquecer o caráter universal de sua produção, chega hoje com praticamente todas as áreas do conhecimento.

A Universidade Federal do Ceará, de Natureza Jurídica Autarquia Federal de Regime Especial, CNPJ 07.272.636/0001- 31 está situada na Avenida da Universidade, nº 2853, Bairro Benfica, CEP: 60020-181, Fortaleza, Ceará, Brasil. Foi criada pela Lei Federal nº 2.373 de 16/12/1954, publicada em 23/12/1954. Regimento/Estatuto: Portaria MEC nº 2.777 de 27/09/2002, publicada em 30/09/2002. Constantes no Regimento Interno e no Estatuto Geral (aprovado pelo Conselho Universitário nas sessões de 18, 21 e 22/12/1998 e pelo Ministério da

Educação e do Desporto sob a Portaria nº 592, de 23/03/1999). Publicação no DOU do Estatuto do órgão: 26/03/1999. A UFC foi instalada em 25/06/1955, com a união da Escola de Agronomia e Faculdades de Direito, de Medicina e de Farmácia e Odontologia. Em 2006, amplia atuação no Programa de Expansão das Universidades Federais e implanta os campi de Sobral e Cariri, e o campus de Quixadá. Com atividades no ensino, na pesquisa, na extensão e na assistência, nos campi do Porangabuçu, Pici, Benfica e Labomar.

Em 2012 implanta os campi de Crateús e Russas, além de transformar o campus do Cariri na Universidade Federal do Cariri. Na graduação, os alunos estão distribuídos pelos Centros de Ciências, Tecnologia, Agrárias, de Humanidades, pelas Faculdades de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, de Direito, de Medicina, de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, de Educação, Institutos de Cultura e Arte, de Ciências do Mar, de Educação Física e Esporte, e pelos campi de Sobral, do Cariri e de Quixadá. A modalidade de ensino de graduação à distância e o Instituto Universidade Virtual oferta cursos semipresenciais em parceria com o Estado e municípios. A pós-graduação Stricto Sensu possui 49 mestrados acadêmicos, 09 mestrados profissionais e 39 cursos de doutorado. O doutorado em Zootecnia tem associação com a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Federal da Paraíba.

Somam-se os 4 Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia: de Biomedicina do Semiárido Brasileiro; de Nanobioestruturas e simulação nanobiomolecular; de Transferência de materiais continente/oceano; em salinidade.

Possui duas unidades hospitalares, o Hospital Universitário Walter Cantídio e a Maternidade Escola Assis Chateaubriand, que fazem parte do Sistema Único de Saúde no Ceará, totalizando 462 leitos ativos.

O Estado do Ceará possui em 2013, uma população estimada de 8.778.576, distribuída em 184 municípios, dentre eles a capital Fortaleza, no litoral Atlântico, com 34 km de praias, a uma altitude média de 21 metros e é centro de um município de 313,8 km² de área e 2.551.806 hab, sendo a capital de maior densidade demográfica do país, com 7.815,7 hab./km². É a cidade mais populosa do Ceará e a quinta do país. A região metropolitana possui 3.700.000 hab., sendo a sexta mais populosa do Brasil e a segunda do Nordeste. Apresenta o 90 maior PIB municipal da nação e o maior do Nordeste, 42 milhões de reais (2011). É um

importante centro industrial e comercial, 70 maior poder de compra do país. No turismo possui o maior parque aquático do Brasil (Beach Park) e as mais belas praias: do Futuro, Iracema, Náutico, Mucuripe, Meireles, Barra do Ceará. É sede do Banco do Nordeste, da Companhia Ferroviária do Nordeste e do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. A BR-116, a mais importante do país, começa em Fortaleza. O comércio diversificado é o maior gerador de riquezas da economia. A produção de calçados, produtos têxteis, couros, peles e alimentos, como derivados do trigo, além da extração de minerais, são os segmentos fortes da indústria. É sede da maior rede do varejo do país (Farmácia Pague Menos). No segmento naval o estaleiro INACE, importante fabricante de iates do país. Atualmente, o município de Fortaleza dispõe de 32 instituições de ensino superior, sendo 3 universidades: UFC, Universidade Estadual do Ceará e Universidade de Fortaleza.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LII-PITAKAJÁ

O curso de Licenciatura Intercultural Indígena das Etnias Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé – LII-PITAKAJÁ, inicialmente vinculado a Pró-Reitoria de Graduação e posteriormente ao Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará.

As atividades do curso são desenvolvidas no Centro de Humanidades – área 3- 2º andar que fica localizado na Avenida Universidade, 2995 – Benfica – Fortaleza/Ceará, e ainda, no que tange as etapas de tempo-comunidade são realizadas em escolas indígenas diferenciadas das etnias participantes do curso nos municípios, a saber: Caucaia, Pecém, Aquiraz, Maracanaú, Canindé e Aratuba.

A criação do Curso se deu através da aprovação do projeto de implantação do Curso de Magistério Indígena Superior Intercultural dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (MISI-PITAKAJÁ), denominação inicial, pela Resolução nº 02 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão-CEPE, de 24 de março de 2010 e pela aprovação da criação do Curso pela Resolução nº3 do Conselho Universitário, de 31 de março de 2010 deliberando 80 vagas para a formação, qualificação e habilitação de professores indígenas.

As aulas do LII-PITAKAJÁ ocorrem habitualmente na segunda semana completa de cada mês, alternando o campus universitário do Benfica e as aldeias envolvidas no curso, como locais dentro dos quais as atividades e disciplinas letivas

acontecem. Tratam-se, assim, de aulas e atividades intensivas, presenciais e, simultaneamente, integrais e noturnas, ou seja, as ações letivas ocorrem nas manhãs, tardes e noites dos sublinhados períodos.

A Graduação LII – PITAKAJÁ possui uma carga horária total de 3500 horas/aulas e tem duração mínima de 4 anos e máxima de 6 anos ou, respectivamente, 8 e 12 semestres.

O coordenador do Curso, prof. Carlos Kleber Saraiva de Sousa, possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará – UFC (1995), é mestre (2001) e doutor (2008) em Sociologia pela mesma Universidade. Ocupa o cargo de professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Ceará, lotado no Departamento de Ciências Sociais, desde 2010. Foi coordenador pró-tempore do PITAKAJÁ no período de 01/09/2010 a 30/12/2010. Coordenador no período de 02 de janeiro de 2011 a 31 de agosto de 2011. Retornando a coordenação em 02 de julho de 2012 até os dias atuais.

O Núcleo Docente Estruturante – NDE E Colegiado do curso é composto pelos professores, a saber:

Carlos Kleber Saraiva de Sousa, presidente, doutor, regime de dedicação exclusiva (40 horas).

Isabelle Braz Peixoto da Silva, vice-presidente, doutora, regime de dedicação exclusiva (40 horas).

Francisca Denise Silva do Nascimento, membro, doutora, regime de dedicação exclusiva (40 horas).

Antônio Duarte Fernandes Távora, membro, doutora, regime de dedicação exclusiva (40 horas).

Maria Neyara de Oliveira Araujo, membro, doutora, regime de dedicação exclusiva (40 horas).

Por se tratar de um curso temporário a Licenciatura Intercultural Indígena não possui um corpo docente permanente, salvo, os membros do NDE e Colegiado. Os professores que ministram aulas no curso são convidados de outros cursos dentro da UFC ou de outras IESFs e recebem Gratificação por Encargos Cursos e Concursos.

3 JUSTIFICATIVA

Inicialmente, é justificada a oferta da Licenciatura Intercultural Indígena das Etnias Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (LII – PITAKAJÁ – Turma II), pela Universidade Federal do Ceará, porque oferece aos nativos das sociedades indígenas citadas a oportunidade de qualificar com grau superior as práticas docentes que muitos desses índios já exercitam nas escolas indígenas de suas respectivas aldeias. Noutro plano, essa qualificação é incrementada pela fundamentação intercultural dessa licenciatura, que enlaça saberes nativos à conhecimentos acadêmico-científicos. Com efeito, a formação desses índios deve considerar e atender, simultaneamente, as demandas locais por permanências culturais indígenas e pelo mercado de trabalho docente diferenciado que se apresenta a essas populações cotidianamente. Fundado nessa tríade característica, o LII-PITAKAJÁ continuará contribuindo para organizar nas escolas indígenas das etnias envoltas nessa graduação, maneiras de compreender as realidades sociais que venham fazer encontrar de modo complementar e frutífero, as manifestações e saberes de suas culturas tradicionais, com formas e méritos não indígenas de entendimento social.

Outro fator que torna relevante a continuidade do LII – PITAKAJÁ se relaciona ao papel social que a Universidade Federal do Ceará continuará realizando ao atender demandas por uma formação superior em Licenciatura Intercultural Indígena que continua imensa e presente nas populações índias da Região Metropolitana de Fortaleza, que se aproximam de 14.000 índios (ver anexo). Essa realização torna-se ainda mais plausível na medida em que esta instituição possibilita a inclusão dessas etnias em universos acadêmicos e científicos que lhes proporcionam um incremento intelectual largo, interdisciplinar e de vivência plural com outras manifestações de diversidades não vivenciadas por eles em suas aldeias.

Noutro sentido, a inclusão e permanência desses 50 novos alunos indígenas em 2016.2, em Campus Universitários desta instituição, participando de Aulas, Palestras, Seminários, Congressos, Laboratórios de Pesquisas, Grupos de Estudos, Monitorias e demais vivências e experiências acadêmicas, oportuniza à funcionários, discentes e docentes da UFC, a construção de canais de interação e comunicação Interculturais. Esse colóquio cotidiano de reciprocidades acadêmicas viabiliza, ainda, a desconstrução paulatina de conceitos historicamente pré-

estabelecidos pelas sociedades não índias que, comumente, tendem a impor aos indígenas aspectos distantes, irrealistas e cristalizados de suas organizações sociais.

Em síntese, a Licenciatura Intercultural Indígena das Etnias Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (LII – PITAKAJÁ / Turma II), desfrutou êxito e importância especialmente por orientação de três virtudes que a compõem: a primeira se relaciona ao seu caráter híbrido de saberes étnico-tradicionais, acadêmicos e científicos, proporcionando uma interdisciplinaridade que amalgama as experiências e conhecimentos presentes na Universidade Federal do Ceará, com as vivências e valores das culturas indígenas próprias das aldeias participantes deste curso; a segunda é vinculada a formação especializada dos indígenas com que vem atender a demandas sociais, educacionais e de mercado que essas etnias possuem no tocante à professores com habilitações específicas; a terceira diz respeito ao papel inclusivo que a Universidade Federal do Ceará proporciona às essas cinco populações indígenas, oferecendo-lhes estrutura física, apoio organizacional e docência apropriada, a fim de que esses índios possam melhor qualificar seus afazeres docentes, seus modos de compreender as realidades sociais e suas inserções no mercado de trabalho presentes nas escolas indígenas.

4 HISTÓRICO DO CURSO.

Os debates que circunscreveram a criação da Licenciatura Intercultural Indígena das Etnias Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (LII – PITAKAJÁ / Primeira turma) remontam ao ano de 2005 quando lideranças e representantes de etnias hoje participantes desta graduação iniciaram um processo cuidadoso de comunicação, discussão e deliberação a cerca da possibilidade de se estabelecer um curso de graduação superior em uma universidade pública do Estado do Ceará.

Amadurecidos os diálogos em torno desse projeto ao longo dos quatro anos seguintes, os índios diretamente envolvidos nessa peleja iniciaram uma interlocução com a Universidade Federal do Ceará com o intuito de ver efetivada uma graduação superior para determinadas etnias do Estado do Ceará.

No decorrer desses quatro anos muitas organizações manifestaram apoio a uma Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade Federal do Ceará e que a seguir são destacadas enquanto parte importante desse processo construtivo.

1. Conselho Comunitário do Povo Indígena Pitaguary – COIPY (hoje denominada de Organização Mãe Terra Pitaguary)
2. Associação das Comunidades Indígenas Tapeba – ACITA
3. Associação Indígena Kanindé de Aratuba – AIKA
4. Conselho Indígena Jenipapo-Kanindé – CIJK
5. Conselho Indígena do Povo Anacé de São Gonçalo do Amarante e Caucaia – CIPASAC
6. Coordenação das Organizações dos Povos Indígenas no Ceara – COPICE
7. Articulação de Mulheres Indígenas no Ceara – AMICE
8. Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais E Espírito Santo – APOINME
9. Organização dos Professores Indígenas do Ceará – OPRINCE

O primeiro semestre do ano de 2009 foi especial para essas etnias porque foi nele que esses índios conseguiram, depois de muitos debates oriundos de Reuniões, Seminários e Encontros, ver aprovado sua solicitação de implantação de uma Licenciatura Intercultural Indígena junto ao CEPE e CONSUNI na UFC e ao MEC. Entanto, por motivos alheios as vontades e disposições dos índios, as aulas deste curso superior tiveram início tão somente em Agosto de 2010 e sua denominação original foi a de Magistério Indígena Superior Intercultural dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (MISI-PITAKAJÁ).

Os meandros desse processo histórico de implantação desta Licenciatura Intercultural Indígena podem ser observados em narrativas indígenas construídas ao longo do percurso e que abaixo são sublinhadas.

Historicamente, a luta pelo ensino superior indígena nasceu da necessidade de por em prática as discussões ocorridas nas salas de aula do Curso de Magistério Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé (MITPJK) – Nível Médio. Os professores indígenas ansiavam em ter uma formação mais completa, de nível superior, que tivesse como ponto de partida os saberes tradicionais dos povos indígenas do Ceará. Em 2005, um grupo de índios Pitaguary viu a necessidade de dar prosseguimento aos estudos da língua Tupy como forma de resgate da língua e isso como finalidade de inserir a língua Tupi no currículo das escolas do povo Pitaguary. Porém, depois de longas discussões em torno de uma qualificação dos professores indígenas, é que se idealizou um seminário reconvocando as etnias que participaram do MITPJK bem como as etnias da região do Sertão Central. A partir daí, os Pitaguary, com o apoio da Prefeitura Municipal de Maracanaú, adentraram a UECE com o propósito de criar um curso superior específico que atendesse as demandas de todos os professores indígenas do Ceará. Em 2006, com as etnias Pitaguary, Tapeba, Potiguara, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Tabajara de Poranga já articulados, iniciou-se a criação do Projeto Político Pedagógico na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Estadual do Ceará, sob o acompanhamento da FUNAI. Em 2009, novos povos acabaram de descobrir que, para a nossa surpresa, o curso encontrava-se sendo trabalhado por um grupo de companheiros na UECE. Achando por bem não ter um só caminho para trilhar no nível superior, e também por termos informações que os Tremembé de Almofala, nossos parentes, haviam conseguido ter um curso de magistério na UFC, é que resolvemos procurar o prof. José Mendes Fonteles Filho, coordenador do curso Magistério Indígena Tremembé Superior (MITS) para nos ajudar. Prontamente o professor nos atendeu e se dispôs a colaborar.

Marcamos um encontro na Escola Chuí e convidamos todos os professores tanto de nossa etnia Pitaguary como os Tapeba, os Kanindé de Aratuba, Jenipapo-Kanindé e Anacé. (Professores Pitaguary).

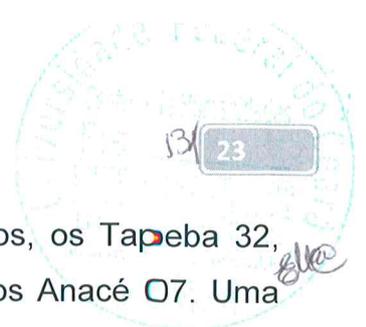
A reunião aconteceu no dia 05 de maio de 2009 e teve início às 9 horas da manhã com uma oração. Logo após, fomos ao pátio da escola pedir ao Pai Tupã, no ritual de Toré, as forças da natureza para iluminar os pensamentos e clarear nossos destinos. Em seguida, fomos para dentro de uma sala que contava com a presença de cerca de 80 parentes Pitaguary, Jenipapo-Kanindé, Kanindé de Aratuba (os Anacé tiveram dificuldade de transporte). É importante registrar que mobilizamos representantes de pais, alunos e nossas lideranças das aldeias, bem como o professor Carlos Alencar, historiador e parceiro da reorganização dos Pitaguary. O cacique Daniel Pitaguary disse que muitas decisões devemos tomar na presença de todos, e não ficar isolados em pequenos grupos, como fazem os que nos oprimem. Lembrou o MITPJK, onde os caciques, os pajés e as lideranças deram aula de artesanato, contaram as histórias de seus antepassados e as lendas da mitologia indígena, puxavam o ritual do Toré para fortalecer os professores e opinavam sobre as aulas. O presidente do conselho Pitaguary, Venâncio, ficou emocionado e nos alertou para lutarmos pelo que é nosso. A presença do professor Nildo, dos Tapeba, foi sábia quando disse que estava ali para ouvir e compreender o momento. O professor Arimatéia, dos Tapeba, chamou atenção para os irmãos Pitaguary terem iniciado essa discussão, levando-a para a UECE. A parente Tapeba Margarida lembrou-nos de nossa espiritualidade e que era necessário trabalhar com todos para não perdê-la em outras religiões. Madalena Pitaguary chamou a atenção para a nossa união, porque nela estava o segredo de nossa força, e que era preciso um curso como esse para retomar o espírito e alegria que tínhamos quando fizemos o

magistério indígena nível médio. O professor Jeová aproveitou para lamentar a burocracia da SEDUC em relação a todos os parentes que não tinham, até hoje, recebido o certificado do MITPJK. O parente Fabio nos alertou para as grandes dificuldades geográficas que isolavam as aldeias umas das outras. O professor Alencar, de Maracanaú, agradeceu o convite dos Pitaguary, que insistiram pela sua presença. Em sua fala, se dispôs a colaborar no que for necessário. A fala do professor Babi Fonteles, professor da UFC, foi importante, pois ele acompanha de perto o curso de magistério superior dos Tremembé, e essa experiência seria valiosa para pensarmos um novo projeto. Ficamos bastante impressionados e pensamos: se deu certo com um povo indígena, por que não daria certo com os outros? Era preciso tentar, até porque as vagas que estavam sendo anunciadas pela UECE e seu processo de seleção não contemplavam aquilo que sempre desejamos para nosso povo, mas, mesmo assim, seria outra opção para nossa gente. Nossa reunião ocorreu de forma positiva e todos ficaram muito entusiasmados com a possibilidade de termos mais um caminho para o curso de magistério superior intercultural indígena. (Etnias PITAKAJÁ).

No dia 02 de junho de 2009, nos reunimos novamente na comunidade de Monguba, com a presença de representantes Tapeba: Margarida Teixeira, Arimatéia, e Estenio; Pitaguary: Jeová Silva – presidente do Conselho Pitaguary, Evânia de Moraes - coordenadora da Escola do Povo Pitaguary, Régia Cláudia – diretora da Escola Indígena Ita-Ára, de Monguba, Antonia Vitória e Cristina – ambas professoras Pitaguary, a liderança jovem Francilene, filha do Pajé Barbosa; Kanindé: o diretor escolar, professor Elenilson Gomes e outros irmãos índios. Debates e propomos uma coordenação para os trabalhos e fizemos nossa proposta a partir da nossa própria realidade, o que foi acompanhado pelo nosso Pajé Barbosa,

que disse, por várias vezes, estar muito feliz por as discussões serem nas aldeias, e não no interior das universidades, longe da participação do pajé, do cacique, das lideranças e das comunidades, as principais interessadas. Na discussão, foram abordados os principais assuntos na elaboração da proposta, que precisavam de aprovação dos povos que propõem o projeto. Dentre elas estão: matriz curricular, coordenação do curso com escolha de representante indígena, apresentação da demanda de participantes e dos 3 critérios de ingresso, local e estrutura das escolas para a realização das etapas e metodologia de execução das etapas. Discutimos como deveria ser o processo de seleção e quais os critérios que deveriam ser adotados. Por unanimidade, decidimos que seriam: os professores que estão em sala de aula ou na gestão das escolas indígenas, que tenham concluído um curso específico de magistério indígena ou ensino médio regular. Também foi debatido, e chegamos ao consenso que, além desses critérios, era preciso que o professor indígena tivesse a aprovação dos conselhos indígenas e lideranças, e que tudo deveria ser documentado em ata. A interferência do pajé Barbosa, em várias oportunidades, ajudou nas informações e na percepção do que deveríamos estudar. A liderança Tapeba Margarida insistiu no aumento da carga horária da língua tupi, no que foi acordado por todos. A contribuição do professor Kanindé Elenilson foi fundamental no levantamento dos custos e dos locais onde deveriam ser realizados. Foi escolhido por todos o professor Babi Fonteles para ser o coordenador geral, que representaria a UFC, o que ele prontamente aceitou. O Professor Jeová ficou sendo o representante dos índios numa coordenação ampliada em que ficaram fazendo parte a professora Evania Pitaguary, o professor Elenilson, dos Kanindé de Aratuba, Margarida dos Tapeba, Arimáteia dos Tapeba, Cacique Daniel Araujo, dos Pitaguary, o Pajé Barbosa e outros. Ficou definida a base comum para as disciplinas

acadêmicas, e a introdução das disciplinas da realidade indígena será trabalhada de acordo com cada povo. Também chegamos ao consenso em relação ao tempo-escola e o tempo-comunidade. Ficou construída uma matriz curricular que contemplasse os quatro eixos de saberes de nossas comunidades e nelas contivessem os nossos conhecimentos. Definimos também a coordenação geral do curso, sendo um representante da universidade e outro das etnias. No momento dessa discussão, a professora Evânia Pitaguary sugere que o nome escolhido seja o do professor Jeová, pelo o mesmo ser o pioneiro e principal articulador das discussões sobre o terceiro grau desse grupo. Elenilson Kanindé reafirma a fala de Evânia e diz que Jeová está muito inteirado do processo e tem feito uma articulação muito boa. Da mesma forma, os Tapeba, nas pessoas de seus representantes, concordaram, porém sugerem que seja renovada a representação indígena na coordenação todo ano e, se Jeová trabalhar bem, ele continuará. Fizemos um levantamento da demanda dos nossos povos por vagas neste curso, que, por unanimidade dos presentes, resolvemos chamar de Curso de Magistério Indígena Superior Intercultural dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (MISI-PITAKAJÁ). No total, vimos que 128 parentes professores das 5 etnias querem fazer este curso. Destes, 47 já têm ou estão cursando uma graduação, mas que 34 não é o magistério indígena específico. E uma parente já tem é pós-graduação. Dentro dos critérios para poder fazer o MISI-PITAKAJÁ, decidimos dar prioridade aos que não têm graduação nem estão cursando uma. Estes somam 80 pessoas. Assim, o nosso curso terá 80 vagas. Para os que estão cursando ou já têm graduação, iniciamos uma mobilização para criar um curso de especialização em Educação Escolar Indígena junto às universidades públicas do Ceará, a ser criado em breve. Na distribuição das vagas, atendendo às demandas, a situação ficou definida que os



Pitaguary deverão encaminhar 19 candidatos, os Tapeba 32, os Jenipapo-Kanindé 13, os Kanindé 09 e os Anacé 07. Uma vez fechada essa parte da elaboração do curso, discutimos o calendário de execução das etapas, ficando decidido que deverão acontecer na segunda semana de cada mês. Com muito esforço O nosso sonho a cada dia que passa vai se tornando realidade. (Comissão de Elaboração do Projeto do Curso MISI-PITAKAJÁ)

Em meados do funcionamento organizacional e acadêmico da primeira turma desta Licenciatura Intercultural Indígena, surgiram novas demandas sociais, educacionais e de mercado vivenciadas pelas etnias participantes deste curso em suas escolas indígenas. Essas demandas contribuíram significativamente para o surgimento de necessidades discentes por reformulações no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) inicial. Com efeito, na etapa intensiva do curso em Fevereiro de 2013, na Escola Indígena Chuí, na aldeia Olho D'água, em Maracanaú-Ce, os índios alunos desta graduação deliberaram em Reunião Pedagógica que no mês seguinte, Março, na sublinhada escola, iriam organizar um seminário com duração de quatro dias com a intenção de adequar o PPC às novas necessidades sócio comunitárias, educacionais e mercadológicas. Assim aconteceu.

O resultado desse seminário pode ser observado na atualização do Projeto Pedagógico do Curso da primeira turma que possui três pilares fundamentais de reformulações deliberados por ampla maioria dos alunos do LII – PITAKAJÁ. As modificações circunscrevem os seguintes temas: a denominação do curso; as habilitações e os ajustes técnicos normativos e legais.

No tocante a denominação do curso, os licenciandos indígenas avaliaram que os termos MAGISTÉRIO e SUPERIOR, presentes na denominação original, eram inadequados porque expressavam uma desnecessária redundância, haja vista que sendo o curso uma LICENCIATURA, esse termo poderia ser utilizado no lugar dos outros dois acima destacados. Por outro lado, os termos INTERCULTURAL e INDÍGENA foram mantidos. Com efeito, a grafia inicial MISI, que significava Magistério Indígena Superior Intercultural, foi substituída por outra: LII, ou seja, Licenciatura Intercultural Indígena.

Ainda na primeira denominação do curso havia o termo POVOS que fazia referência aos grupos indígenas participantes do curso. Como se trata de uma palavra bastante ampla e que pode incluir toda e qualquer sociedade, os índios optaram por substituí-la por uma palavra mais precisa, que tivesse uma relação mais próxima com os indígenas. Nesse sentido, os alunos lançaram mão do termo ETNIAS para se referir aos grupos inclusos nesta graduação. A segunda parte do nome intitulado PITAKAJÁ foi mantida integralmente, uma vez que faz menção às cinco etnias que compõem esta Licenciatura.

Sendo assim, a denominação original Magistério Indígena Superior Intercultural dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (MISI-PITAKAJÁ) foi, coletiva e democraticamente substituída pela designação **LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DAS ETNIAS PITAGUARY, TAPEBA, KANINDÉ, JENIPAPO-KANINDÉ E ANACÉ (LII – PITAKAJÁ)**. Este é o novo nome desta graduação e primeira modificação no seu Projeto Pedagógico do Curso

Ao longo dos dias que durou o Seminário que objetivou adequar o PPC do LII – PITAKAJÁ (primeira turma) às novas necessidades sócias comunitárias, educacionais e mercadológicas vivenciadas pelas etnias deste curso, os indígenas optaram por abolir a formação de professor polivalente que o PPC original possuía. Os motivos que os levaram a preferir efetuar essa modificação podem ser classificados em dois.

O primeiro motivo diz respeito ao incremento na qualidade do ensino-aprendizado nas escolas diferenciadas, a partir do momento em que os discentes do LII – PITAKAJÁ passam a ter uma formação com habilitações em Unidades Curriculares determinadas. A avaliação que eles fizeram remete a uma melhoria vultosa em sua formação na medida em que nela foram implantadas as habilitações. Segundo os licenciandos indígenas, a consequência desse incremento qualitativo em sua formação irá recair no processo de ensino-aprendizagem dos índios em suas respectivas aldeias e escolas indígenas, isto é, os cursistas irão aprender com mais qualidade se comparado com um professor indígena com formação de caráter polivalente, como determinava o PPC inicial deste curso.

O segundo motivo estar relacionado às demandas legais por professores com habilitações específicas para ministrar disciplinas no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira orienta que

os professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio tenham formações específicas ou habilitações dadas para ministrar determinadas disciplinas, os discentes do LII – PITAKAJÁ optaram por antever e antecipar a solução de um problema que poderia ser causado no futuro pela formação polivalente do primeiro PPC deste curso, a saber: limitações ou impedimentos para lecionarem certas disciplinas em suas escolas indígenas.

Esse duplo motivo contribuiu para que os índios alunos desta Licenciatura fizessem um levantamento das carências de professores em suas aldeias para ministrar certas disciplinas. Após findar esse arrolamento e os debates em torno das disciplinas que mais possuíam ausência de docentes com habilitações adequadas, deliberaram coletivamente que o LII – PITAKAJÁ (primeira turma) iria ter seis habilitações fundamentadas nas demandas étnicas locais. As habilitações eram: Culturas Indígenas, Ciências Humanas, Gestão Escolar, História, Português e Matemática. Ressalta-se que cada uma dessas habilitações é composta, no mínimo, por 7 (sete) e, no máximo, por 10 (dez) disciplinas, sendo sua carga horária basilar de 448 horas/aulas e absoluta de 1040 horas/aulas por habilitação.

A terceira modificação vincula-se tão somente aos aspectos técnicos que já se encontravam ausentes, incompletos ou equivocados no PPC original. Entre esses aspectos é possível destacar as normas que orientam as Atividades Complementares, os Trabalhos de Conclusão de Curso, o Estágio Supervisionado, os critérios de reprovação por falta, entre outros.

Acredita-se que essas modificações propostas com exclusividade e autonomia indígenas e deliberadas pela ampla maioria dos que constituem o corpo discente do LII – PITAKAJÁ pautaram um novo momento na história deste curso em que as proposições e decisões protagonistas foram pensadas e organizadas pelos índios e fundamentadas nas realidades sócio comunitárias, educacionais e mercadológicas que suas respectivas aldeias vivenciam na atualidade.

Sublinha-se, entanto, que dinâmicas acadêmicas, educacionais, organizacionais e mercadológicas, imersas no curso e nas aldeias na segunda metade da primeira turma do LII-PITAKAJÁ, apresentaram necessidades de outros ajustes ao PPC, caso a possibilidade de existência de uma segunda turma fosse efetivada.

Sendo assim, o Colegiado da Coordenação do LII-PITAKAJÁ reuniu-se para debater o PPC desta licenciatura e ajustá-lo às demandas (sociais,

educacionais e de mercado) sobretudo, que não estão contempladas no Projeto Pedagógico da primeira turma. Essas outras adequações se devem, também, a certos aspectos dos processos que formam os atos organizacionais, educacionais, acadêmicos e mercadológicos que são transitórios e merecedores de atenção e renovação. Portanto, em tempos próximos e vindouros, com vistas a implantação da segunda turma do LII-PITAKAJÁ, outras demandas se apresentaram como relevantes para qualificar ainda mais esta Licenciatura. Nota-se, ainda, que foi cuidadoso percebê-las e plausível iniciar os terceiros ajustes e/ou modificações neste PPC do LII – PITAKAJÁ e que remetem especialmente a suas habilitações mencionadas anteriormente e a matriz curricular que está detalhada adiante.

Por fim, ressalta-se, com apreço, que o LII-PITAKAJÁ passou pelo processo de reconhecimento em Agosto de 2015 (Protocolo 201357942 / Código MEC 880249 / Código da Avaliação 107578) e obteve parecer favorável ao reconhecimento, apresentado conceito final 4.

5 PRINCÍPIOS NORTEADORES

A seguir se encontram destacadas as concepções educacionais e fundamentações filosóficas que devem orientar a formação dos licenciandos indígenas, bem como orientar a realização do curso LII – PITAKAJÁ.

1. Construção coletiva e permanente do Curso, com efetiva participação dos alunos, Coordenação Geral, Colegiado do Curso, Núcleo Docente Estruturante, Coordenação Indígena, Coordenação Pedagógica, Assistentes de Integração e lideranças indígenas, com atenção constante para as necessidades de ajustes e modificações em sua ordem estabelecida;
2. Realização das atividades letivas alternando as aldeias (Tempo Comunidade) e os Campus Universitários (Tempo Escola), sempre que as estruturas organizacionais da UFC e escolas indígenas permitirem;
3. Acompanhamento e gestão organizacional realizados pela Coordenação Geral de Curso, Colegiado do Curso, Núcleo Docente Estruturante, Coordenação Indígena (com três discentes representantes de cada etnia), 2 Assistentes de Integração, 1

Coordenação Pedagógica e uma servidora da UFC que, juntos, constituem a Coordenação Administrativa.

4. Participação de setores das comunidades indígenas na realização das etapas por meio de equipes de apoio logístico-estrutural;
5. Reuniões ordinárias e mensais da Coordenação Administrativa ou quando pelo menos um dos seus membros solicitar por um encontro excepcional com justificativa pertinente para a totalidade do curso;
6. Conservar as tradições culturais indígenas como forma de contribuição para a realização do curso, especialmente com as realizações das Noites Culturais;
7. Ter o Movimento Indígena do Ceará como exemplo de diálogo democrático, cuidadoso e de perseverança na busca de soluções para as demandas do curso;
8. Pautar-se pela moral e/ou bom senso para oportunizar responder a possíveis divergências que venham a se apresentar em debates específicos do LII - PITAKAJÁ;
9. Ter as normas da Universidade Federal do Ceará (UFC), da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI), Secretaria de Ensino Superior (SESu), Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), do Ministério da Educação (MEC) e do Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas, (PROLIND), como matrizes legais de orientação para conduzir a vida organizacional do curso;

6 OBJETIVOS DO CURSO

O LII – PITAKAJÁ (Turma II) tem como objetivo geral a ser alcançado formar índios das etnias Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé para serem professores com grau superior de Licenciado e atuarem como docentes em escolas indígenas de Ensino Fundamental e Médio.

Eventualmente, quando editais de concurso ou seleções públicas permitirem, esses indígenas poderão realizar os respectivos exames seletivos. Uma vez aprovados, convocados e nomeados poderão atuar como professores em escolas não indígenas de Ensino Fundamental e Médio, de caráter público. Em outras situações também excepcionais, quando demandados por escolas de Ensino Fundamental e Médio de caráter privado poderão atuar como docentes. Em todos os cenários precedentes os índios devem atuar como professores nas disciplinas para as quais foram habilitados a lecionar.

Como objetivo específico esta graduação irá instrumentalizar os alunos indígenas com uma amálgama de saberes tradicionais das culturas indígenas participantes deste curso e conhecimentos científico-acadêmicos determinados que, juntos, compõem seis Unidades Curriculares:

1) Culturas Indígenas e Antropologia: essa unidade é composta por disciplinas que circunscrevem os modos de compreensão de suas sociabilidades tradicionais como identidade étnica, mitos e rituais, medicina tradicional, artes étnicas, espiritualidade e movimento indígena, culturas africanas e índias.

2) Educação Escolar Indígena: essa unidade é permeada por conhecimentos relacionados a gestão escolar indígena, diversidades socioculturais, modelos de ensino aprendizagens, direitos humanos na educação, linguagens de sinais, normas e políticas educacionais.

3) Sociologia e Política: essa unidade é constituída por aportes teóricos que amálgama humanismo, teoria e ensino de sociologia, reflexões sociais brasileiras, cidade e campo, estado e democracia.

4) Práticas Docentes e de Pesquisa: essa unidade é formada pelas disciplinas de Prática como Componentes Curriculares tem o propósito de realizar debates e exercícios práticos em torno da docência e pesquisa social.

5) História: essa unidade é formada por interpretações de períodos históricos antigo, medieval, moderno, contemporâneos, bem como das relações dos índios brasileiros com o colonialismo, a república e o estado do Ceará.

6) Língua Portuguesa: essa unidade é composta por matérias que segmentos das conjunções da língua portuguesa tais como a frase, o vocábulo, o texto, o discurso, a sociolinguística entre outros.

7) Matemática: essa unidade é concebida por variantes disciplinares que envolvem o cálculo, a estatística, a geometria euclidiana e analítica plana, etc.

Para que esse objetivo seja alcançado, esse curso deve ter o apoio regular da estrutura física da Universidade Federal do Ceará, notadamente o auditório do Departamento de Ciências Sociais, no qual as aulas devem acontecer, habitualmente, na segunda semana completa de cada mês. Parte do seu corpo docente qualificado e habilitado para lecionar no LII – PITAKAJÁ, deve ser convidada para ministrar disciplinas no curso e receberá, enquanto contrapartida, uma Gratificação por Encargos Cursos e Concursos (GECC). Nessa situação, o docente que ministrar aulas nessa licenciatura não poderá abater horas/aulas em sua carga horária semestral. Ademais, outros setores organizacionais devem ser demandados para transpor os limites que por algum motivo venham a se apresentar. Exemplo: demandas por Restaurante Universitário, Biblioteca Universitária, Laboratórios de Informática, etc.

Somado a esse apoio estrutural e institucional da UFC, o curso conta ainda com a parceria logística das escolas indígenas nas quais algumas etapas irão acontecer. Esse apoio é caracterizado, sobretudo, com alojamentos e recursos humanos que devem organizar as demandas por alimentação, dormitório e higiene pessoal.

Em síntese, os índios licenciados pelo LII-PITAKAJÁ apresentarão um perfil profissional de educador com seis habilitações específicas que irão lhes oportunizar ministrar disciplinas dentro das Unidades Curriculares acima descritas. Sua atuação enquanto professor ocorrerá prioritariamente nas escolas indígenas de suas comunidades étnicas e, alternativamente e quando demandados, em escolas públicas municipais, estaduais e/ou federais, não governamentais, bem como na rede privada de Ensino Fundamental II e Ensino Médio nas quais as circunstâncias sejam oportunas.

7 PERFIL DO PROFISSIONAL

O LII – PITAKAJÁ intenta formar e qualificar professores indígenas para lecionar e ser gestores em organizações escolares de Ensino Fundamental II e Ensino Médio das Escolas Indígenas de suas respectivas aldeias, bem como em outras instituições escolares públicas, não governamentais ou privadas que lhes

oportunize desenvolver atividades de ensino dentro das Unidades Curriculares para as quais estão sendo formados e que as legislações educacionais brasileiras legitimam.

As Unidades Curriculares que habilitam os graduados do LII-PITAKAJÁ são em número de seis. A primeira foi denominada de **Culturas Indígenas e Antropologia** e é composta por disciplinas que circunscrevem os modos de compreensão de suas sociabilidades tradicionais como movimento indígena, espiritualidade, mitos, curas, ritual do Toré, entre outras, em uma relação com conhecimentos antropológicos. A segunda corresponde a **Sociologia e Política** que intenta organizar reflexões em torno do estado, poder e democracia. A terceira diz respeito a **Educação Escolar Indígena** e aos debates e instrumentais teóricos que essa área do conhecimento proporciona ao incremento temático relacionado à educação de índios. A quarta está relacionada a área de **Prática Docente e de Pesquisa** dentro da qual os índios irão debater e exercitar as vivências dos atos de ensinar e investigar na sociedade. A quinta abrange a área de **História**, a partir da qual esses índios devem ser instrumentalizados com mérito e criticidade sobre temas que amalgamam os processos de visibilidade indígena no Ceará, à fenômenos sociais, políticos e culturais presentes na historiografia brasileira e em setores e períodos antigos, médios, modernos e contemporâneos de sociedades ocidentais. A sexta está ligada ao conhecimento da **Matemática** e seus modelos de compreensão de fenômenos regulares, especialmente aqueles demandados pelas etnias deste curso. A sétima vincula-se precisamente a **Língua Portuguesa** e determinadas conjunções que normatizam os atos de ler, compreender, falar e escrever em português no Brasil.

O acompanhamento desses alunos ocorrerá semestralmente por meio de seminário organizado pela coordenação, colegiado e NDE do curso, com a participação de todos os alunos, dentro do qual serão debatidas a organização e funcionalidade geral da licenciatura. A intenção dessa forma de acompanhamento recai na oportunidade de identificar lacunas/demandas e solucioná-las, bem como aprimorar os fatores de sucesso que o curso apresentar.

Em síntese, os índios licenciados pelo LII-PITAKAJÁ apresentarão um perfil profissional de educador com sete habilitações específicas que irão lhes oportunizar ministrar disciplinas dentro das Unidades Curriculares acima descritas. Sua atuação enquanto professor ocorrerá prioritariamente nas escolas indígenas de

suas comunidades étnicas e, alternativamente, em escolas públicas municipais, estaduais e/ou federais, não governamentais, bem como na rede privada de Ensino Fundamental II e Ensino Médio nas quais as circunstâncias sejam oportunas.

8 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES.

As competências dos egressos indígenas do LII-PITAKAJÁ podem ser classificadas em três: o conhecimento, a operacionalidade dos saberes e a atitude. Suas habilidades podem também ser classificadas em três: Técnicas, Humanas e Conceituais.

Essas tipologias podem evidenciar com mais nitidez os seus sentidos quando se lança mão de fatos apreendidos pelos discentes nesta licenciatura e que contribuem significativamente para a sua formação.

- a) Domínio de saberes tradicionais das culturas indígenas;
- b) Domínio de conhecimentos acadêmicos e científicos de Antropologia, Sociologia, Ciências Políticas, Educação Escolar, História, Docência, Pesquisa Social, Língua Portuguesa e Matemática;
- c) Ser educador que desenvolve boas relações entre os saberes tradicionais dos povos indígenas e os conhecimentos acadêmico-científicos;
- d) Identificação com os usos de conceitos e elaboração de abstrações com vista a construção de ideias que sejam representativas das realidades sociais indígenas em pauta para análises;
- e) Capacidades de transmissão dos conhecimentos adquiridos;
- f) Incremento da crítica sobre os conteúdos adquiridos, bem como as realidades socioculturais que circunscreve os egressos do LII-PITAKAJÁ;
- g) Bom manejo no desenvolvimento das relações interpessoais presentes nos ambientes escolares e das aldeias;
- h) Possuir discernimento sobre as relações híbridas que envolvem os saberes tradicionais e aqueles promovidos pela sociedade circundante.

9 ÁREAS DE ATUAÇÃO

O curso temporário de Licenciatura Intercultural Indígena das Etnias Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (LII-PITAKAJÁ), estar vinculado ao Centro de Humanidades e tem como finalidade geral oferecer formação

em nível superior e grau de Licenciado aos discentes pertencentes aos grupos étnicos acima citados.

Os campos de atuação profissional para os quais os índios egressos do LII-PITAKAJÁ devem exercer atividade são, principalmente, a docência sobre disciplinas de caráter cultural indígena, bem como outras matérias que formam as Unidades Curriculares desta licenciatura e que não possuem qualidades de um currículo étnico.

Ressalta-se que as escolas indígenas nas quais esses licenciados devem atuar com prioridade, são aquelas situadas, predominantemente, nas aldeias das etnias que formam este curso. Os níveis de educação escolar em que eles devem exercer atividades docentes são o Ensino Fundamental I, II e o Ensino Médio.

De maneira especial esses índios poderão lecionar em escolas públicas ou particulares com matrizes curriculares não indígenas, haja vista que o currículo dessa licenciatura Intercultural é constituído, também, por disciplinas acadêmicas científicas que estão presentes em matrizes curriculares de escolas convencionais.

10 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

A organização curricular desta licenciatura está segmentada em 7 (sete) Núcleos de Formação independentes e complementares entre si, que promovem a interdisciplinaridade relacionando disciplinas básicas das seguintes áreas do conhecimento: 1) Culturas Indígenas e Antropologia; 2) Educação Escolar Indígena; 3) Sociologia e Política; 4) Práticas Docentes e de Pesquisa; 5) Matemática; 6) História e 7) Língua Portuguesa.

A interdisciplinaridade é notada, sobremaneira, nos componentes curriculares denominados neste PPC de Estágio, Prática Docente e TCC. Nesses componentes os saberes tradicionais das etnias, juntamente com os conhecimentos acadêmico-científicos apresentados e debatidos nas disciplinas, são relacionados à vivências índias nas aldeias e ponderados pelos alunos no intuito de refletir sobre suas manifestações culturais, formas de ensino-aprendizagem, gestão escolar, lutas políticas, etc., orientados, também, pelos aportes teóricos aprendidos e pensados em sala de aula.

Informa-se que os componentes curriculares do LII-PITAKAJÁ são exclusivamente obrigatórios e que não há disciplinas optativas, eletivas ou livres.

Sublinha-se, ainda, que as disciplinas do curso são ministradas por professores convidados de diversos cursos da Universidade Federal do Ceará, bem como por professores de outras instituições de ensino superior federais, que tenham afinidade com dada disciplina e disponibilidade de tempo. A remuneração dos docentes que ministrarem disciplinas no curso será efetuada por meio de Gratificação por Encargos de Cursos e Concursos (GECC), conforme lei federal.

A vinculação acadêmica atual é ao Centro de Humanidade e a responsabilidade de oferecer estrutura física para as atividades letivas é do Departamento de Ciências Sociais. Informa-se, ainda, que o curso possui um colegiado (Portaria Nº 1 de 24 de maio de 2016) e um Núcleo Docente Estruturante (Portaria Nº 129 DO Centro de Humanidades de 23 DE Maio de 2016) formado pelos seguintes professores: Carlos Kleber Saraiva de Sousa (Coordenador), Antônio Duarte Fernandes Távora (Vice-Cordenador), Isabelle Braz Peixoto da Silva, Francisca Denise Silva do Nascimento, Celina Amália Ramalho Galvão Lima e Maria Neyara de Oliveira Araújo.

A carga horária obrigatória total do curso, bem como as disciplinas e atividades que compõem os Componentes Curriculares, tendo por base os Núcleos de Formação (N.F.) acima descritos, são distribuídos conforme organização abaixo sublinhada. Destaca-se que o LII PITAKAJÁ não possui componentes curriculares optativos, livres e eletivas, apenas os obrigatórios a seguir organizados. Informa-se que os componentes do Núcleo de Formação 4 (Práticas Docentes e de Pesquisa) correspondem, todos, às “Práticas como Componentes Curriculares” (PCC).

1. Culturas Indígenas e Antropologia – 550 h/a

- 1.1 Cultura e Identidade Indígena (50 h/a)
- 1.2 Narrativas, Mitos e Rituais (50 h/a)
- 1.3 Medicina Tradicional (50 h/a)
- 1.4 Línguas Indígenas (100 h/a)
- 1.5 Artes Étnicas: Pinturas, Artesanato e Desenhos Corporais (50 h/a)
- 1.6 Religião e Espiritualidade Indígena (50h/a)
- 1.7 Tradições Culturais Afros Brasileiras (50 h/a)
- 1.8 Movimento Indígena no Ceará (50 h/a)
- 1.9 Meio Ambiente e Território Indígena (50 h/a)

1.10 Antropologia Indígena Brasileira (50 h/a)

2. Sociologia e Política – 350 h/a

- 2.1. Sociologia e Humanismo (50 h/a)
 - 2.2. Teoria e Ensino de Sociologia (100 h/a)
 - 2.3. Pensamento Social Brasileiro (50 h/a)
 - 2.4. Cidade e Campo no Brasil (50h/a)
 - 2.5. Pensamento Político Brasileiro (50 h/a)
 - 2.6. Estado, Democracia e Sociedade (50 h/a)
-

3. Educação Escolar Indígena – 400 h/a

- 3.1. Gestão Escolar Indígenas (50 h/a)
 - 3.2. Sociologia das Organizações (50 h/a)
 - 3.3. Sociologia da Educação (50 h/a)
 - 3.4. Diversidades Socioculturais (50h/a)
 - 3.5. Modelos de Ensino Aprendizagem (50 h/a)
 - 3.6. Direitos Humanos e Educação (50 h/a)
 - 3.7. Fundamentos Legais da Escola Indígena (50h/a)
 - 3.8. Sistemas e Políticas Educacionais no Brasil (50 h/a)
-

4 Práticas Docentes e de Pesquisa – 400 h/a

(Prática como Componentes Curriculares - PCC)

- 4.1 Práticas Docentes - PCC (200 h/a)
 - 4.2 Métodos e Técnicas de Pesquisa - PCC (50 h/a)
 - 4.3 Projetos Técnicos e Acadêmicos - PCC (50 h/a)
 - 4.4 Leitura e produção de texto acadêmico - PCC (50 h/a)
 - 4.5 Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - PCC (50 h/a)
-

5. Matemática – 350 h/a

- 5.1. Etno-matemática (50 h/a)
- 5.2. Introdução ao cálculo (50 h/a)
- 5.3. Matemática Fundamental (50 h/a)
- 5.4. Introdução à Estatística (50 h/a)
- 5.5. Matemática Financeira (50 h/a)

5.6. Geometria Euclidiana (50 h/a)

5.7. Geometria Analítica Plana (50 h/a)

6. História – 400 h/a

6.1. História Antiga (50 h/a)

6.2. História Medieval (50 h/a)

6.3. História Moderna (50 h/a)

6.4. História Contemporânea (50 h/a)

6.5. Índios e Colonialismo no Brasil (50 h/a)

6.6. Índios e a República Brasileira (50 h/a)

6.7. História dos Índios no Ceará (50 h/a)

6.8. Estudos Coloniais e Pós Coloniais (50 h/a)

7. Língua Portuguesa – 400 h/a

7.1. Língua Portuguesa (50 h/a)

7.2. Língua Portuguesa: fonologia (50 h/a)

7.3. Língua Portuguesa: frase (50 h/a)

7.4. Língua Portuguesa: vocabulário (50 h/a)

7.5. Língua Portuguesa: texto e discurso (50 h/a)

7.6. Introdução à Linguística (50 h/a)

7.7. Fundamentos Linguísticos e Ensino de Alfabetização (50 h/a)

7.8 Sociolinguística (50 h/a)

Atividades – 650 h/a

1. Trabalho de Conclusão de Curso (50 h/a)

2. Atividades Complementares (200 h/a)

3. Estágio Curricular Supervisionado (400 h/a)

Total de horas: 3500 (Componentes Curriculares Obrigatórios)

Salienta-se que as disciplinas e atividades que compõem esta Licenciatura Intercultural Indígena (exclusivamente obrigatórios), estão organizadas por semestre letivo, perfazendo um mínimo de 8 semestre ou 4 anos para que o licenciando indígena possa concluir o curso e no máximo 12 semestres ou 6 anos para que se termine todas as 3500 horas que constituem o LII – PITAKAJÁ (Turma II). Ressalta-

se que o tempo máximo poderá ser estendido caso os repasses anuais de recursos realizados pela SECADI/MEC à Universidade Federal do Ceará, tenha algum tipo de atraso.

11 EMENTÁRIOS DOS COMPONENTES CURRICULARES.

11.1 NÚC. FORMAÇÃO: CULTURAS INDÍGENAS E ANTROPOLOGIA – 550 H/A

01. Culturas e Identidades Indígenas	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 1º (sem pré-requisito)
<p>Ementa – O conceito de grupo étnico. Perspectivas de identificação indígena. A identificação indígena na legislação brasileira. Relações entre índios e não índios: limites e possibilidades culturais, políticas e econômicas.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa, 2000. 243 p.</p> <p>CHAUÍ, Marilena de Sousa; GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. Índios no Brasil. São Paulo: Global Gaia, 2000. 279p.</p> <p>GALVÃO, Eduardo. Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979. 300 p.</p> <p>MELATTI, Julio Cezar. Índios do Brasil. 5a ed. Sao Paulo: Hucitec; 1987. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 220p.</p> <p>WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: UnB, 1999.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>CUNHA, Manuela Carneiro da FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO.; SÃO PAULO (SP). História dos índios no Brasil. 2.ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998. 611p.</p> <p>JUNQUEIRA, Carmen. Antropologia indígena: uma (nova) introdução. 2. ed. São Paulo, SP: EDUC, 2008. 103 p.</p> <p>OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, etnia e estrutura social. Sao Paulo: Pioneira, 1976. 118p.</p> <p>OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. A presença indígena na formação do brasil. Brasília: SECAD, 2006. 264 p.</p>	

02. Narrativas, Mitos e Rituais.	Carga Horária: 50h/a Semestre: 1º (sem pré – requisito) 149
<p>Ementa – Representações coletivas e simbolismo. Mitos e narrativas indígenas. Estruturas de r índios. Performances cerimoniais. Passado e presente expressos nas narrações míticas. O sagra o profano, o pedagógico e o político nos processos rituais.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>CARVALHO, S.M.S. Rituais indígenas brasileiros. RJ: Ed. do Autor, 2000. 176p.</p> <p>CONNERTON, P. Como as sociedades recordam. Portugal: CELTA, 1999</p> <p>DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Paulo: Martins Fontes, 1996.</p> <p>ELIADE, M. Aspectos do mito. Portugal: Edições 70, 1963.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, C. Mito e significado. Lisboa: Edições 70, 1978.</p> <p>TURNER, V. O Processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>CAMPBELL. J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athenas, 1990.</p> <p>DOUGLAS, M. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 2010.</p> <p>ELIADE, M. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 2010.</p> <p>GOFFMAN, E. Ritual de interação. Ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes 2011.</p> <p>PREZIA, Benedito. Virando gente grande: rituais indígenas de passagem. São Paulo, SP: Mod 2010. 63 p.</p> <p>PEIRANO, M. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2003</p> <p>VAN GENNEP, A. Os ritos de passagens. Petrópolis: Vozes, 2011.</p> <p>SANTO, M.I.E. Vasos sagrados. São Paulo: Rocco, 2010. 240p</p>	

03. Medicina tradicional	Carga Horária: 50h/a Semestre: 1º (sem pré – requisito)
---------------------------------	--

Ementa- Definições de Medicina Tradicional e suas segmentações. Espiritualidade. Agentes de curas: rezadeiras, meseiras, pajés e curadores. Cuidados com a saúde. Classificação de enfermidades. Plantas e preces. Performances das curas indígenas. Política de saúde indígena.

Bibliografia Básica

ARAUJO, Iaperi. **A medicina Popular**. 3 ed. Natal, RN: EDFRN, 1999.

GONÇALVES, Lucila de Jesus Mello. **Na fronteira das relações de cuidado em saúde indígena**. São Paulo, SP: Annablume, 2011.

JACINTO, Ana Lúcia; MIRANDA, Janete Sousa; MOURA, Maria da Conceição; SIQUEIRA, Rosângela Reinaldo. **Medicina tradicional do povo Tremembé**. 2012. 74 f

MATOS, F. J. De Abreu. **Plantas da medicina popular do Nordeste: propriedades atribuídas e confirmadas**. Fortaleza, CE: ed. UFC, 1999.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é medicina popular**. Sao Paulo: Abril Cultural: 1985. Brasiliense, 91p.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá**. São Paulo: Odebrecht, 1995.

Bibliografia Complementar

CARPER, Jean. **Alimentos: o melhor remédio para a boa saúde**. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1995.

SAÚDE indígena: uma introdução ao tema. Brasília, DF: MEC/UNESCO, c2012.

YARZA, Oscar. **Plantas que curam & plantas que matam**. Sao Paulo: Hemus, c1982.

WERNER, David ASSOCIACAO BRASILEIRA DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA NA PROMOÇÃO DA SAUDE. **Onde não há médico**. 13. ed. Atual. De forma ampla e profunda incorpo. São Paulo, SP: TAPS; Paulinas, 1992.

CORDEIRO, Ruth; NUNES, Vivian do Amaral; ALMEIDA, Cristina Rosa de. **Enciclopédia das plantas que curam: a natureza a serviço de sua saúde**. São Paulo: Três, 1996. 2 v. ISBN (Enc.).

04. Línguas Indígenas

Carga Horária: 100h/a

Semestre: 1º (sem pré – requisito)

Ementa – Classificação e cartografia das línguas indígenas brasileiras. Sintaxe, verbo e semântica. Tradições orais. Morfologia e estrutura. Vocábulos e concordância. Contribuições das línguas indígenas para o português brasileiro.

Bibliografia Básica

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1965. 230p.

MAIA, Marcus. **Manual de lingüística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: SECAD, 2006. 263 p.

RODRIGUES, A. D. **Línguas e culturas tupi**. Brasília – DF: edUNB, 2007. 470P.

FRANCHETTO, Bruna. **Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas no Brasil**. São Paulo: Mercado de Letras, 2015. 292 p.

FERREIRA, Maria Rocha. **Tradições orais de línguas indígenas**. São Paulo: Ed Pontes, 2015. 182p.

STUDART FILHO, Carlos. **Aborígenes do Ceará**. Ceará: Instituto do Ceará, 1965.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz; MARTINS, Floriano. **A grandeza índia do Ceará**. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2010.

Bibliografia Complementar

GONCALVES, Cristina Helena R. C. **Concordância em Munduruku**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1987. 69p.

FREITAS, Affonso A. de. **Vocabulário nheengatu: vernaculizado pelo português falado em São Paulo (língua tupi-guarani)**. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1936. 206 p.

JENSEN, Cheryl Joyce S. **O desenvolvimento histórico da língua Wayampi**. Campinas, SP: UNICAMP, 1989. 194p.

FREIRE, José Ribamar; ROSA, Maria Carlota. **Línguas gerais: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. 212 p.

05. Artes Étnicas: Pinturas, Artesanato e Desejos corporais.	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 1º (sem pré – requisito)
Ementa- Arte e artesanato: perspectivas conceituais. Expressões artísticas entre povos indígenas Brasil, Nordeste e Ceará. Pinturas corporais e seus significados étnicos. Artesanato: produção e sentidos de peças e adornos indígenas. Formas de desenhos e representações culturais.	
Bibliografia Básica	
LAGROUS, Els. Arte Indígena no Brasil . Rio de Janeiro: Ed. Com Arte, 2009. 128p.	

MARTINS, Alberto. **Artes Indígenas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014. 88p

PASCHOALICK, Leilian Chalub Amin. **A arte dos índios Kaiowá da reserva indígena de Dourados-MS: transformações e permanências, uma expressão de identidade e afirmação étnica**. Dourados: Editora da UFGD, 2008. 112 p.

RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do Artesanato Indígena**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 2008. 344p.

TORRES, Heloisa Alberto. **Arte indígena da Amazônia**. Rio de Janeiro: Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940. xv p., 50 pr.

Bibliografia Complementar

CURY, Marília Xavier.; DORTA, Sônia Terezinha Ferraro. **Beleza e saber: plumária indígena**. São Paulo: Caixa Cultural, 2009. 104 p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Arte kusiwa: pintura corporal e arte gráfica Wajãpi**. 2.ed. Brasília, DF: IPHAN, 2008. 140 p

KASSAB, Álvaro Luiz. **Algodão do artesanato indígena ao processo industrial**. São Paulo: CONESP, (c) 1986. 81p

SIQUEIRA JR., Jaime Garcia. **Arte e técnicas kadiweu**. Sao Paulo: SMC, 1992. 125p.

06. Religião e Espiritualidade Indígena

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 1º (sem pré – requisito)

Ementa- Perspectivas conceituais acerca do fenômeno religioso. Diversidade religiosa entre índios brasileiros. Possessão e encantados. O cultural e o sagrado. Processos de curas espirituais. Agentes de curas: pajés, rezadeiras, xamãs, etc. Sincretismo religioso entre índios: catolicismo, protestantismo, umbandismo, espiritismo.

Bibliografia Básica

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDSON, P. **Catolicismo indígena**. Rio de Janeiro; Paco editorial, s/d. 256 p.

MÉTRAUX, Alfred. **A religião dos tupinambás e suas relações com a das demais tribus tupi-guaranis**. edição ilustrada. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1950. 421 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5, Brasiliana ; v. 267) ISBN (enc.).

LUGON, Clovis. **A república comunista cristã dos Guaranis: 1610-1768**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1968.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12.ed. Sao Paulo: Pioneira, 1996

Bibliografia Complementar

- BORAU, J.L.V. **Religiões tradicionais**. São Paulo: Paulus, 2009. 175p.
- GUTIERREZ, Ramon. **The Jesuit Guarani missions: Les missions jésuites des Guaranies**. Rio de Janeiro: UNESCO, 1987. 110p.
- FERREIRA, M. R. **Tradições orais de línguas indígenas**. São Paulo: Pontes, 2015. 182p.
- ALMEIDA, M.R.C. de. **Os índios na história do Brasil**. RJ: Ed. FGV, 2010. 168p.
- CARVALHO, Silva Maria S. **Rituais Indígenas Brasileiros**. Brasil. Edição do autor, 2000.

07. Tradições culturais afros brasileiras.

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 2º (sem pré – requisito)

Ementa- Expressões culturais de etnias áfricas e índios brasileiros: corpo, performances e rituais. Afirmções de identidades. Religiões e espiritualidades. Narrativas e mitos. Educação e cultura. História da escravidão no Ceará e no Brasil.

Bibliografia Básica

- CRUZ, Norval Batista. **Corpo, ancestralidade, oralidade e educação no Ile Asè omo Tifé** : o corpo de xangô 2013. 154 f.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 7.ed. Sao Paulo: J. Olimpio, 1946.
- OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra de. **Feira livre de Bodocó: memória, africanidades e educação**. 2013. 152 f.
- BALOGUN, Ola. **Introducao a cultura africana**. Lisboa: Ed. 70, 1980. 196p
- BALDUS, Herbert 1899-1970. **Ensaio de Etnologia Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979. 214 p.:
- RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza, CE: Museu do Ceará, SECULT, 2009. 123 p.

Bibliografia Complementar

- GRANDES civilizações do passado: África; o despertar de um continente. Barcelona: Ediciones Folio S. A., 2007. 240 p.
- CRUZ, Norval Batista. **Consciência corporal e ancestralidade africana: conceitos sociopoéticos produzidos por pessoas de Santo**. Fortaleza, CE, 2009. 200f.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida; DAIBERT JUNIOR, Robert (Org.). **Depois, o Atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana**. Juiz de Fora, MG: UFJF, 349 p.
- DOMINGOS, Reginaldo Ferreira; CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de candomblé labasé de Xangô e Oxum em Juazeiro do Norte-CE**. 2011. 172f.

FREYRE, Gilberto. **Em torno de alguns túmulos afro-cristãos de uma área africana contagiada pela cultura brasileira**. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 88 p.

08. Movimento Indígena no Ceará

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 2º (sem pré – requisito)

Ementa- Processos de territorialidade indígena. História e aldeamento. Conflitos e conquista. Políticas públicas e direitos indígenas. Afirmção étnica e manifestações culturais. Processos de demarcação territorial. A educação como instrumento de luta política. Lei das Terras.

Bibliografia Básica

AIRES, Joubert Max Maranhão Piorsky. **A escola entre os índios tapeba: o currículo num contexto de etnogenese**. Fortaleza, CE, 2000. 165fl.

GALDINO, Lúcio Keury Almeida. **Os caminhos da territorialidade da etnia Pitaguary: o caso da Aldeia de Monguba no município de Pacatuba no Ceará**. 2007. 86, [32] f. :

PINHEIRO, Joceny de Deus. **Artes de contar, exercício de lembrar: história, memória e narrativa dos Índios Pitaguary**. 2002. 126f.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da; AIRES, Max Maranhão Piorsky. **Direitos humanos e a questão indígena no Ceará: relatório do observatório indígena biênio 2007-2008**. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária - UFC, 2009. 285 p. IS

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino**. Campinas, SP, 2003. 274fl.

SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. **Identidade, cultura e interesses: a territorialidade dos Índios Jenipapo-Kanindé do Ceará**. 2001. 153 f.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória**. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa, 2011.

Bibliografia Complementar

BARROS, Paulo Sérgio. **Confrontos invisíveis: colonialismo e resistência indígena no Ceará**. São Paulo: Annablume, 2002. 99 p.

GEDIEL, José Antônio Peres (Org). **Direitos, culturas e conflitos territoriais na Amazônia**. Curitiba: Kairos, 2011. 352 p.

STUDART FILHO, Carlos. **Aborígenes do Ceará**. Ceará: Instituto do Ceará, 1965. 182 p.

MOTA, Amabel Crysthina Mesquita. **A efetividade do direito fundamental à identidade indígena no Ceará**. 2008. 108 f.

MARTINS, Guilherme Saraiva. **Entre o forte e a aldeia: estratégias de contato, negociação e conflito entre Europeus e Indígenas no Ceará Holandês (1630 - 1654)**. 2010. 180 f.

09. Meio Ambiente e Território Indígena

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 2º (sem pré – requisito)

Ementa: Relações dos índios com o meio ambiente. Trabalho e sustentabilidade socioambiental. Mitos e natureza. Medicina indígena e natureza. Sentidos da fauna e da flora. Desenvolvimento sustentável.

Bibliografia Básica

CAVALCANTE, Gustavo Bezerril. **A natureza encantada que encanta: histórias de seres dos mangues, rios e lagoas narradas por índios Tapeba**. 2010. 209 f.

OLIVEIRA JUNIOR, Gerson Augusto de. **O encanto das águas: a relação dos Tremembé com a natureza**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. 171 p.

BASTOS, Monalisa Teixeira Brito. **Índios Tapeba do Ceará: saga econômica, social e os desafios ambientais neste começo de milênio**. 2010. 105 f.

BATISTA, Leidiane Priscilla de Paiva; SILVA, Edson Vicente da. **A Lagoa da encantada e o morro do urubu: saberes ecológicos e mitos populares da etnia indígena Jenipapanindé**. 2009. 64 f.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. xxxii, 286 p.

Bibliografia Complementar

SOUSA, Francisco Elisnaldo de; HOLANDA, Maria Aurilene de; SANTOS, Maria Piedade; OLIVEIRA JUNIOR, Gerson Augusto de. **A fauna e a flora Tremembé da Região da Mata**. 2012. 92 f.

NASCIMENTO, Aléssia Lima do; UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. FACULDADE DE DIREITO. **Populações tradicionais em unidade de conservação de proteção integral: limites e possibilidades**. Fortaleza, CE: 2007. 101 f.

SANTOS, Marcelio José Marques dos. **Desenvolvimento local sustentável: um estudo de caso na aldeia indígena dos Tapeba, Caucaia-CE**. 2011. 57 f

10. Antropologia Indígena no Brasil	Carga Horária: 50h/a Semestre: 2º (sem pré – requisito)
<p>Ementa. História da Antropologia no Brasil. Demografia indígena no Brasil. Processos de etnogêneses. Estrutura social: economia e política. Mitos e cosmologias, identidade e cultura. Demandas indígenas atuais.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>BALDUS, Herbert 1899-1970. Ensaio de etnologia brasileira. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1937.</p> <p>FERNANDES, Florestan. A função social da guerra na sociedade tupinambá. 3. ed. São Paulo, SP: Globo, 2006.</p> <p>RIBEIRO, Darcy,. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno . 7.ed. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1996. 559p.</p> <p>SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana K. Leal. Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. 2. ed. São Paulo, SP: Global, 2001. 396 p.</p> <p>JUNQUEIRA, Carmen. Antropologia indígena: uma (nova) introdução. 2. ed. São Paulo, SP: EDUC, 2008. 103 p.</p> <p>LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo, SP: Brasiliense, 1988. 205 p.</p> <p>OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976. 118p.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>MUSSOLINI, Gioconda. Ensaio de antropologia indígena e caicara. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 289p.</p> <p>CUNHA, MILTON BEZERRA DA; UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Etnografia e etnologia do Brasil: uma abordagem sistêmica da antropologia brasileira. Fortaleza: UECE, 1989. 191p.</p> <p>LINTON, Ralph. O homem: uma introdução à antropologia. 6. ed. São Paulo, SP: Livraria Martins, [19--]. 523 p.</p> <p>RAMOS, Arthur. Introdução à antropologia brasileira. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951. 2 v</p> <p>JUNQUEIRA, Carmem. Antropologia Indígena: uma introdução. Brasil, EDUC, 2008.</p>	

11.2 NÚCLEO DE FORMAÇÃO: SOCIOLOGIA E POLÍTICA – 350 H/A

1. Sociologia e Humanismo	Carga Horária: 50h/a Semestre: 2º (sem pré – requisito)
<p>Ementa. A construção histórica da sociologia. Princípios sociológicos básicos. Ciência, humanismo e sociedade.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>MEKSENAS, Paulo. Aprendendo sociologia: a paixão de conhecer a vida, (curso colegial - 2. grau), volume 1 . Sao Paulo: Edições Loyola, 1985. 125p.</p> <p>MILLS, C. Wright; FERNANDES, Heloisa Rodrigues. Charles Wright Mills: sociologia. Sao Paulo: Ática, 216p.</p> <p>GOLDMANN, Lucien. Ciências Humanas e Filosofia: Que e a Sociologia? . Sao Paulo: Difel, 1967. 117p</p> <p>SILVA, Mauricio rocha e. Ciência e Humanismo. Sao Paulo: Edart-Sao Paulo, 1969. 139p.</p> <p>LALOUP, Jean; NELIS, Jean. A comunidade dos homens: iniciação ao humanismo social. Sao Paulo: Herder, 1965. 331p.</p> <p>MARTINS, Carlos B.. O que e sociologia. Sao Paulo: Brasiliense, 1982. 98p.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>SERRA, J. A.. Neo-humanismo: bases da natureza humana da economia, educação, saúde e sociologia. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001. 381p.</p> <p>HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. Sao Paulo: J. Hetzel, 1991. 50p</p> <p>LALOUP, Jean; NÉLIS, Jean. Cultura e civilização: iniciação ao humanismo histórico. São Paulo, SP: Herder, 1966. 239 p.</p> <p>LINS, Ivan. Erasmus, a renascença e o humanismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 225p</p> <p>MEZZAROBA, Orides; BONAVIDES, Paulo. Humanismo latino e estado no Brasil. Florianópolis, SC: Fondazione Cassamarca, 2003. 520 p</p>	
2. Teoria e Ensino de Sociologia	Carga Horária: 100h/a Semestre: 2º (sem pré – requisito)

Ementa. Abordagens clássicas da sociologia. O fazer do sociólogo. Discussões sociológicas no ensino médio: poder e violência, gênero e família, diferença e diversidade social. Limites e possibilidades do ensino de sociologia.

Bibliografia Básica

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1987. Brasília, DF: UnB, 557p

CUNHA, Patrícia Pereira. **O ensino de sociologia: uma experiência na sala de aula**. 2009. 140

FERNANDES, Florestan. **A condição de sociólogo**. Florestan Fernandes; prefácio de Antônio Cândido. São Paulo: Hucitec, 1978. 168 p.

MORAES, Amaury Cesar; CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de. **Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio**. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2004. 386 p.

MEIRELLES, Mauro (Org.). **Ensino de sociologia: diálogos entre pedagogia e sociologia**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. 143 p.

Bibliografia Complementar

FERNANDES, Florestan. **O desafio educacional**. São Paulo: Cortez: 1989. Autores Associados, 264p.

FERNANDES, Florestan. **Elementos de sociologia teórica**. São Paulo, SP: Nacional, 1970. 297p.

CASTRO, Ana Maria de. **Introdução ao pensamento sociológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977. 241p.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **Ciências Sociais na escola: para alunos de 12 a 16 anos**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 172 p.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para Ensino Médio**. Brasil, 2010. S/E

3. Pensamento Social Brasileiro

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 3º (sem pré – requisito)

Ementa. Origens do pensamento social brasileiro. Romantismo, racismo, autoritarismo e culturalismo nos pensadores clássicos brasileiros. ISEB, CEPAL e a Escola Paulista de Sociologia. Industrialização, urbanização e dependência. Sistematização e institucionalização das ciências sociais no país.

Bibliografia Básica

AREND, Silvio Cezar. **Cepal: leituras sobre o desenvolvimento latino-americano**. Santa Cruz

do Sul, RS: EDUNISC, 2012. 343 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 13. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979. 154p.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. 16. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1979. 390p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Vida e morte da ditadura: vinte anos de autoritarismo no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. 133p

TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB: fábricas de ideologias**. São Paulo, SP: Ática, 1977. 194 p.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Autoritarismo e democratização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 240p.

Bibliografia Complementar

PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil: ensaio de interpretação dialética da história brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1947. 203p.

FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1990.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 143p.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. 5. ed. São Paulo, SP: Globo, 2006. 512 p.

FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade no Brasil: leituras básicas de introdução ao estudo macrossociológico do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1972. 587p

4. Cidade e Campo no Brasil	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 3º (sem pré – requisito)
<p>Ementa. Cidade e campo: definições e significados. Conflitos sociais. Juventude e prática socioculturais. Economia e industrialização. Espaço e territórios sociais: escolas, praças, estádios, lugares de festa, etc. Grupos juvenis organizados: gangues, galeras, etc.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>ANDRADE, Manuel Correia de. Cidade e campo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1974. 223</p> <p>SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 247p.</p> <p>SINGER, Paul; CARDOSO, Fernando Henrique. A Cidade e o Campo. São Paulo: CEBRAP, 1972. 63p.</p> <p>AZEVEDO, Fernando de. A cidade e o campo na civilização industrial e outros</p>	

estudos. São Paulo: Melhoramentos, 1964. 267 p.

CECÍLIO, Maria Aparecida; BRANDÃO, Elias C. **Educação: campo e cidade-territórios do saber.** Maringá, PR: Massoni, 2006. 110 p.

Bibliografia Complementar

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 439p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização.** São Paulo: Contexto, 1988. 80 p.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história: José D'Assunção Barros.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 124p.

PEREIRA, Magnus R. Mello.; SOLLER, Maria Angelica.; MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade em debate.** São Paulo: Brasil, Sociedade e Cultura: Olho d'Água, 1999. 271 p.

CARTAXO FILHO, Joaquim. **A Cidade fatal.** Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2000. 129 p.

5. Pensamento Político Brasileiro

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 3º (sem pré – requisito)

Ementa. Liberalismo e Conservadorismo no Brasil Monárquico. Positivismo e pensamento político. Coronelismo e Poder Local. Bases do pensamento autoritário. Estado, governo e povo.

Bibliografia Básica

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro.** 15. ed. São Paulo: Globo, 2000.

PAIM, Antonio. **A agenda teórica dos liberais brasileiros.** São Paulo, SP: Massao Ohno, 1997. 85 p.

COMTE, Auguste; GIANNOTTI, José Arthur. **Curso de filosofia positiva; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista.** 5.ed. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1991.

VILAÇA, Marcos Vinícios. **Coronel, coronéis: apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste.** 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand, 2003. 205 p

Bibliografia Complementar

SETÚBAL, Olavo. **Ação política e discurso liberal.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986. 337 p.

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945.**

HISTÓRIA geral da civilização brasileira: Tomo 2 : o Brasil monárquico : volume 2 : dispersão e unidade . São Paulo, SP: Difusão Européia do Livro, 1967.

LINS, Ivan. **Historia do positivismo no Brasil**. Sao Paulo: Nacional, 1964. 661p.

WEFFORT, Francisco C. **Formação do Pensamento Político Brasileiro**. Brasil. Editora Àtica, 2006.

QUIRON, Centauro. **Mitologia Política Brasileira**. Brasil. All Print, 2015.

6. Estado, Democracia e Sociedade.

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 3º (sem pré – requisito)

Ementa. Estado autoritário, liberal e democrático. Modelos de democracia. Formas de participação política. Democracia representativa e direta. Cultura e cidadania. Modelos Eleitorais e reforma política no Brasil.

Bibliografia Básica

CUNHA, Fernando Whitaker da. **Democracia e cultura: a teoria do estado e os pressupostos da ação política** . 2.ed. rev. e aument. Rio de Janeiro: Forense, 1973. 442 p.

TOMAZELI, Luiz Carlos. **Entre o estado liberal e a democracia direta: a busca de um novo contrato social**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1999. 142 p.

SAES, Décio. **Estado e Democracia: Ensaios teóricos / Decio Saes**. . 2. ed. rev. Campinas: UNICAMP: 187p.

SOARES, Ricardo Prata; DEBERT, Guita G.. **Estado, participação, política e democracia/ Ricardo Prata Soares... [et al.]**. Brasília: ANPOCS: CNPq, 1985. 452p.

FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes na constituinte: leituras para a reforma política**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2014. 315 p. (

Bibliografia Complementar

CUNHA, Luiz Antonio. **Educação, Estado e democracia no Brasil**. Sao Paulo: Cortez; 1991. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 495p.

OLIVEIRA, Juliano Cordeiro da Costa. **Ação comunicativa e democracia: por uma política deliberativa em Jürgen Habermas**. 2009. 107 f.

MOISÉS, JOSÉ ÁLVARO; CENTRO DE ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORANEA. **Alternativas populares da democracia: Brasil, anos 80**.

COSTA, Cristina. **O que todo cidadão precisa saber sobre democracia**. 3a ed. Sao Paulo: Global Gaia, 1989. 96p.

DINIZ, Eli; COSTA FILHO, Carlos R. Pio da. **Reforma do estado e democracia no Brasil: dilema e perspectivas** . Brasilia, D.F.: Ed. da UnB, 1997. 425p.

11.3 NÚCLEO DE FORMAÇÃO: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA – 400 H/A

1. Gestão Escolar Indígena	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 3º (sem pré – requisito)
<p>Ementa. Gestão e comunicação na escola. O conselho escolar. Democracia e eleição para diretores. Participação e comunidade. Tipos e sentidos das funções organizacionais na escola.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>CASTRO, Eline Fernandes de. A comunicação na gestão escolar: uma ferramenta fundamental. 2008. 53, [4] f.</p> <p>OLIVEIRA, Francisco José Machado de. O conselho escolar e a eleição de diretores como elementos do modelo de gestão democrática. 2005. 138 f.</p> <p>MATOSO, Maria da Gloria Barbosa. Conselho escolar: um novo paradigma na gestão escolar e qualificação do ensino fundamental. Fortaleza, CE, 2000. 146fl</p> <p>CORDEIRO, Noemi Alencar Araripe. Eleição de diretores: a participação dos segmentos escolares no processo de democratização da gestão escolar. 2006. 205f.</p> <p>BRITO, Renato de Oliveira. Gestão e comunidade escolar: ferramentas para a construção de uma escola diferente do comum. Brasília, DF: Liber Livro, 2013. 160 p.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>SILVA, Damiana Ferreira da. Gestão de pessoas : uma teia inter-relacional na instituição escolar. 2006. 66 f.</p> <p>SILVA, Ila Maria Souza da. A gestão: elemento mediador na pratica educativa :realidade e perspectivas no cotidiano escolar . Fortaleza, CE, 1996. 96p</p> <p>SILVEIRA, Selene Maria Penaforte. A gestão para a inclusão: uma pesquisa-ação colaborativa no meio escolar. 2009. 278 f.</p> <p>SILVA, Carla Dornelles da. Avaliação da gestão escolar e da qualidade educacional a partir das abordagens institucional e psicodinâmica. 2013.</p> <p>CAMPOS, Casimiro de Medeiros. Gestão Escolar e docência. Brasil. Editora Paulinas, 2013.</p>	
2. Sociologia das Organizações	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 3º (sem pré – requisito)

Ementa. Abordagens sociológicas nas organizações. Gestão pública e estado. Ética e cultura nas empresas. Justiça social e trabalho. Governança e democracia.

Bibliografia Básica

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Sociologia das organizações : uma análise do homem e das empresas no ambiente competitivo.** São Paulo, SP: Pioneira, 2002. 337f.

ELORENZO NETO, Antonio. **Sociologia aplicada a administração: sociologia das organizações.** 7.ed. rev. amp. Sao Paulo: Atlas, c1981. 287p.

BENEVIDES, Marinina Gruska. **Direito à cidade: administração pública, justiça social, consciência ecológica e desenvolvimento sustentável.** Fortaleza, CE: Museu do Ceará, SECULT, 2009. 207 p.

MARTINS, Paulo Emílio Matos; PIERANTI, Octavio Penna. **Estado e gestão pública: visões do Brasil contemporâneo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 339 p.

LEURY, Maria Tereza Leme; FISCHER, Rosa Maria (Coord.). **Cultura e poder nas organizações.** 2. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1996. 170p

SROUR, Robert Henry. **Poder, cultura e ética nas organizações.** Rio de Janeiro: Campus, c1998. 337p

Bibliografia Complementar

FORTE, Elaina Cavalcante. **Administração pública democrática: aspectos teórico-práticos da participação popular.** 2015. 77 f.

KONOPKA, Gisela. **Trabalho social de grupo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968. 323 p

D'ASCENZI, Luciano. **Cultura e inovação em organizações.** Curitiba, PR: Editora Appris, 2015. 243 p

CHIANCA, Thomaz; MARINO, Eduardo; SCHIESARI, Laura. **Desenvolvendo a cultura de avaliação em organizações da sociedade civil.** São Paulo, SP: Global, 2001.

MITH, Peter Benington; PETERSON, Mark F. **Liderança, organizações e cultura: modelo da administração do evento.** Sao Paulo: Pioneira, c1994. 219p.

STEINBERG, Herbert. **A dimensão humana da governança corporativa: pessoas criam as melhores e as piores práticas.** [4. ed. rev.]. São Paulo, SP: Gente, 2003. 252 p

3. Sociologia da Educação	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 3º (sem pré – requisito)
Ementa. Educação e cultura. Etnocentrismo e relativização cultural na escola. Produção e reprodução de ideologias. Gênero e sexualidade. Comunicação e mídias sociais na escola.	



Bibliografia Básica

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. 193p.

AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. Sao Paulo: Summus, c1998. 215 p.

ARENAS, Pedro Arturo Rojas. **Didática, pedagogia e sociedade: textos para uma sociologia da educação no século XXI**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2009. 113 p.

PEREIRA, Luiz. **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**. 13. ed. Sao Paulo: Nacional, 1987. 449p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1992. 188p.

Bibliografia Complementar

FORQUIN, Jean Claude. **Sociologia da educação: dez anos de pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 350p.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. São Paulo: Edições Loyola, 1988. 109 p.

HAECHT, Anne van. **Sociologia da educação: a escola posta à prova**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008. 232 p.

TORRES, Carlos Alberto. **Sociologia política da educação**. Sao Paulo: Cortez, 1993. 104p

DURKHEIN, Emile. **Sociologia e Educação**. Brasil. Vozes, 2011.

4. Diversidades Socioculturais	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 4º (sem pré – requisito)
<p>Ementa. Pluralidade Cultural. Dinâmicas indenitárias. O local e o global. Gênero e diversidade. Etnias, raças e identidades.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>VASCONCELOS, Fátima; RIBEIRO, Rosa Maria Barros. Diversidade cultural e desigualdade: dinâmicas identitários em jogo. Fortaleza: Ed. UFC, 2004. 322 p.</p> <p>BRANT, Leonardo Nemer Caldeira. Diversidade cultural: globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas. São Paulo, SP: Escrituras, 2005. 230 p.</p> <p>ONTELES, Bené. Nem é erudito, nem é popular: arte e diversidade cultural no Brasil. Brasília: UFRJ, Ministério da Cultura, 2010. 304 p.</p> <p>OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nacao. Petrópolis: Vozes, 1992. 143p.</p>	

SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone Albuquerque da. **Formação de educadores, gênero e diversidade**. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012. 183 p.

Bibliografia Complementar

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Tempo no plural: história, ensino, diversidade cultural**. Fortaleza, CE: Realce, 2008. 297p.

FREYRE, Gilberto. **Brasis, Brasil e Brasília: sugestões em torno de problemas brasileiros de unidade e diversidade e das relações de alguns deles com problemas gerais de pluralismo étnico e cult.** Rio de Janeiro: Record, 1968.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. 253p.

BARROS, José Márcio. **Diversidade cultural: da proteção à promoção**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. 161 p.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação e diversidade no Brasil**. Brasil, Junqueira & Marin, 2016.

5. Modelos de Ensino e Aprendizagem	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 4º (sem pré – requisito)
<p>Ementa. Aprendizagem e ensino. Os papéis do educador. Educação reflexiva. Atitudes e procedimentos críticos. Ciência e educação. O ensino público na atualidade.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p>	
<p>OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. Educação e desenvolvimento humano: novos modelos de aprendizagem, ensino e escolarização. Porto Alegre: Artmed, 2000. 667p.</p>	
<p>JARMENDIA, Amélia Maria. Aprender na prática: experiências de ensino e aprendizagem. São Paulo: Edições Inteligentes, 2007. 283 p.</p>	
<p>SALVADOR, César Coll. Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 182p.</p>	
<p>SCHÖN, Donald A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000. 256 p.</p>	
<p>ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar: + qualidade total na educação. 10.ed. Campinas: Papyrus, 2008. 135p.</p>	
<p>Bibliografia Complementar</p>	
<p>RISTOFF, Dilvo I.; SEVEGNANI, Palmira; MOLL, Jaqueline INEP. Modelos institucionais de ensino superior. Brasília: INEP, 2006. 327 p.</p>	
<p>WITTER, Geraldina. Porto. Ciência, ensino e aprendizagem. Sao Paulo: Alfa-Omega, 1975. 185p.</p>	

MOREIRA, Marco Antonio. **Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos**. 3.ed. Sao Paulo: E. M. 1983. 94p.

ARAÚJO, Maria das Doris Moreira de. **O ensino-aprendizagem da consciência fonológica em materiais didáticos de educação infantil e de anos iniciais do ensino fundamental**. 2014. 149f.

DIAS, Alessandra Pereira. **Os jogos pedagógicos na aprendizagem da linguagem escrita**. 2009. 120 f.

6. Direitos Humanos e Educação

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 4º (sem pré – requisito)

Ementa. O sentido educativo dos direitos humanos. Os povos indígenas e a corte interamericana. A emancipação da mulher. Direitos da criança e do adolescente. Necessidades especiais de estudantes.

Bibliografia Básica

SOARES, Bruna Kelly Oliveira. **Os direitos dos povos indígenas perante a corte interamericana de direitos humanos**. 2015. 55 f.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940**. Florianópolis, SC: Mulheres, 2003. 445p.

SILVA, Juliana Bizarria; UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. FACULDADE DE DIREITO. **O direito à educação: a inclusão de pessoas com deficiência e a ruptura com o modelo atual de escola**. Fortaleza, CE: 2007. 128 f.

HERNANDEZ, Isabel. **Educação e sociedade indígena**. São Paulo: Cortez, 1981. 114f.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil**. 16 ed. São Paulo: Ática, 1999. 175 p.

Bibliografia Complementar

NOGUEIRA, Maria Neurilane Viana. **A dimensão educativa dos direitos humanos e a educação do ser integral do Lar Fabiano de Cristo: tecendo um elogio da esperança**. 2014. 268 f.

VASCONCELOS, Renato Barbosa de; UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. FACULDADE DE DIREITO. **O problema da efetivação dos direitos humanos: uma análise à luz da teoria da justiça como equidade de John Rawls**. Fortaleza, CE: 2011. 107 f

CARVALHO, Cynthia Maria Alencar de; UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. FACULDADE DE DIREITO. **Assessoria jurídica popular e extensão universitária: vivenciando os direitos humanos na formação acadêmica**. 2004. 59 f.

ABRAL, Ana Suelly A. C.; MONSERRAT, Ruth Maria Fonini; MONTE, Nietta Lindenberg;

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO (BRASIL). **Projeto Interação Por uma Educação Indígena Diferenciada**. Brasília: Fundação Nacional Pro-Memória, 1987.

7. Fundamentos Legais da Escola Indígena

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 4º (sem pré – requisito)

Ementa- A LDB e a educação escolar indígena. A participação dos Professores na construção das normas para a educação escolar indígena no Ceará. O processo de criação e regulamentação das escolas indígenas no Ceará.

Bibliografia Básica

ALBUQUERQUE, Leonízia Santiago de et all. **Educação para diversidade e cidadania**. Recife, PE: MEC, SECAD, ANPEd, 2007.

LDB:. Lei de diretrizes e bases da educação Lei 9.394/96. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 103 p. (Legislação brasileira. 7) ISBN 8586584347 (broch.).

SANDER, Benno. **Educação brasileira: valores formais e valores reais**. São Paulo: Pioneira; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar; São Paulo: Fundação Biblioteca Patrícia Bildner, 1977.

SAVIANI, Dermeval. **Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino**. Campinas, Autores Associados, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1976.

Bibliografia Complementar

FREIRE, Ana Maria Araujo. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo a ideologia nacionalista, ou, de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguacu)**, Filipas, Madale. Sao Paulo: Cortez; 1989. Brasília, DF: INEP, 236p.

LIMA, Adriana Flavia Santos de Oliveira. **Alfabetização de jovens e adultos e a reconstrução da escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. 227p.

SCHILLING, Claunara; REIS, Afonso Teixeira dos; MORAES, José Carlos de; Organização Pan-Americana da Saúde; Brasil. **A política de regulação do Brasil**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2006. 115 p.: (Série técnica Projeto de Desenvolvimento de Sistemas e Serviços de Saúde; 12) ISBN 85 87943 61 8 (Broch.)

FUNARI, Pedro Paulo. **A temática indígena na escola**. Brasil. Contexto, 2011.

GRUPIONI, Cláudia Silva; BENZI, Luiz Donizete. **Índios no Brasil**. Brasil. Global, 2005.

8. Sistemas e Políticas Educacionais no Brasil

Carga Horária: 50 h/a

Semestre: 4º(sem pré – requisito)

Ementa- Sistemas educacionais no Brasil. Política para a educação brasileira.. Escolas convencionais e tradicionais. Experiências educacionais

Bibliografia Básica

BAUER, Adriana; GATTI, Bernardete A.; TAVARES, Marialva R. (Org.). **Ciclo de debates:** vinte e cinco anos de educação e avaliação de sistemas educacionais no Brasil: origem e pressupostos. Florianópolis: Insular, 2013. 191 p.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; BEZERRA, Jose Arimatea Barros. **Biografias, instituições, idéias, experiências e políticas educacionais.** Fortaleza: Edições UFC, 2003. 467 p.

PRADEL, Claudia; DÁU, Jorge Alberto Torreão. A educação para valores e as políticas públicas educacionais. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro ,

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **Escolas e culturas:** políticas, tempos e territórios de ações educacionais. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2009. 447 p.

LIVEIRA, Rosimar de Fátima. **Políticas educacionais no Brasil:** qual o papel do poder legislativo? Curitiba: Prottexto, 2009. 256 p

Bibliografia Complementar

OLIVEIRA, Margarida; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **O livro didático de história:** políticas educacionais, pesquisas e ensino. Natal, RN: EDUFRN, 2007. 208p.

OLIVEIRA, Maria Neusa de. **As políticas educacionais no contexto da globalização.** Ilhéus: Editus, 1999. 161p.

ILVA, Maria de Fátima Mesquita Da. **Todo boato tem um fundo de verdade? Um olhar sobre as políticas educacionais dos municípios de Fortaleza, tendo como o marco a Lei do FUNDEF 1997-2000.** 2002 209f.

GOMES, Candido Alberto. **Dos valores proclamados aos valores vividos: Traduzindo em atos os princípios das Nacoes Unidas e da UNESCO para projetos escolares e políticas educacionais.** Brasília, DF: UNESCO, 2001. 101p.

REGO, Teresa Cristina. **Currículo e Política Educacional. Brasil.** Vozes, 2011.

11.4 NÚCLEO FORMAÇÃO: PRÁTICAS DOCENTES E DE PESQUISA - 400 H/A

1. Prática Docente I, II, III e IV (Prática Como Componente Curricular - PCC)	Carga Horária: 200h/a Semestre: 4º (sem pré – requisito)
Ementa Geral: O discente indígena acompanhará as ações letivas (didáticas, metodológicas e avaliativas) conduzidas pelo Consultor-Docente de respectivas matérias dos Núcleos de	

Formação. Esse acompanhamento será supervisionado (a distância ou presencialmente) pelo professor de Prática Docente com o objetivo de orientar o aluno na produção de um relatório descritivo e crítico (ver detalhes na seção 16, a frente). A Prática Docente será distribuída em quatro componentes curriculares que possuem as seguintes ementas e bibliografias específicas a seguir apresentadas.

Prática Docente I - PCC (50h/a - Semestre: 4º sem pré – requisito)

Ementa: Contato com a prática pedagógica dos consultores docentes do PITAKAJÁ. Levantamento de dados e exercício teórico metodológico de problematização do campo. Estudo de aplicabilidade educacional.

Bibliografia Básica

- AIRES, J. M. M. P. **A escola entre os índios Tabeba. {...}** Fortaleza. UFC, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** RJ: Paz e Terra, 1974.
- HARMUCH, R. A. **Estudos da linguagem e formação docente: desafios contemporâneos.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- MORAES, Maria Cândida. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente.** Rio de Janeiro, RJ: Walk, 2010.

Bibliografia Complementar

- CELANI, Maria Antonieta. **Professores e formadores em mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente.** Campinas, SP: Mercado das letras, 2010.
- GARCIA, Walter E. **Educação: visão teórica e prática pedagógica.** Sao Paulo: McGraw Hill, c1975.
- CORTELA, Mario Sérgio. **Educação, Escola e Docência.** Brasil. Cortez, 2014.
- _____. **Educação, Convivência e Ética.** Brasil. Cortez, 2015.
- LIBANEO, José Carlos. **Educação Escolar.** Brasil. Cortez, 2012.

Prática Docente II - PCC (50h/a - Semestre: 4º sem pré – requisito)

Ementa: Aprofundamento da reflexão em torno do sentido da ação educativa passível de ser desenvolvida pelo egresso do PITAKAJÁ. Envolvimento com os consultores docentes desse curso buscando uma compreensão mais ampla da prática pedagógica.

Bibliografia Básica

- ADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório.** São Paulo: Cortez, 1997.

CABRAL, Ana Suelly A. C. **Projeto Interação Por uma Educação Indígena Diferenciada**. Brasília: Fundação Nacional Pro-Memória, 1987.

CELANI, Maria Antonieta. **Professores e formadores em mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2010

DOURADO, Jorgete Nemetala. **Uma investigação sobre o desempenho de professores universitarios com formação pedagógica visto nas interações da prática docente**. Fortaleza, 1980.

HARMUCH, Rosana Apolonia. **Estudos da linguagem e formação docente: desafios contemporâneos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

Bibliografia Complementar

ACAO educativa na creche. Porto Alegre: Mediacao, 1995. 61p.

LACERDA, Cecília Rosa. **A experiência no exercício da profissão e a relação com o saber ensinar: estudo com professores dos cursos de bacharelado no ensino superior**. 2011. 247 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2011.

MAIA, Alberto Filho Maciel. **Fatores relativos à gestão escolar e a prática docente associados ao rendimento escolar dos alunos da 1ª série do 1º grau das escolas públicas do Estado do Ceará**. Fortaleza, 1995. 173fl. Dissertação (Mestrado) UFC 1995 Nicolino Trompieri Filho.

LIBANEO, José Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. Brasil. Cortez, 2011.

CHARLOTE, Bernadi. **Da relação com o saber às práticas educativas**. Brasil. Cortez, 2013.

Prática Docente III - PCC (50h/a - Semestre: 4º sem pré – requisito)

Ementa: Planejamento das atividades docentes, tendo por base os estudos aprofundados já realizados e a produção de conhecimento. Envolvimento com o plano didático-pedagógico da escola. Identificação e análises de estratégias de ensino, natureza dos conteúdos e formas de avaliação.

Bibliografia Básica

CELANI, Maria Antonieta. **Professores e formadores em mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente**. 2. Ed. Campinas, SP: Mercado das letras, 2010.

FIGUEIREDO, João B. A. **Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire II: reflexões e possibilidades em movimento**. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2009.

- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. RJ: Paz e Terra, 1974.
- OLIVEIRA, Joyce Carneiro de. **Formação cidadã: currículo e transversalidade**. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica, 2011.
- PEY, Maria Oly. **Reflexões sobre a prática docente**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

Bibliografia Complementar

- BIANCHI, José João Pinhanços de. **A educação e o tempo: três ensaios sobre a história do currículo escolar**. São Paulo: Ed. UNIMEP, 2001.
- GUERREIRO, MARIA DA CONCEICAO RODRIGUES FERREIRA; SENAI. DEPARTAMENTO NACIONAL. **Adaptação do currículo escolar aos estilos cognitivos de alunos repetentes: implicações teóricas e praticas no treinamento de professores**. Rio de Janeiro: SENAI, Dep. Nacional, Divisão de Pesquisas, Estudos e Avaliação, 1989.
- MAIA, Marcus. **Manual de lingüística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: SECAD, 2006. 263 p. (Educação para todos. Vias dos saberes; 4) ISBN 8598171603 (broch.)
- SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória: desafio a teoria e a pratica de avaliação e reformulação de currículo**. São Paulo: Cortez: 1988.
- CHARLOTE, Bernadi. **Mistificação Pedagógica**. Brasil. Cortez, 2013.

Prática Docente IV - PCC (50h/a - Semestre: 4º sem pré – requisito)

Ementa: Organização de práticas de ensino com base nas atividades desenvolvidas anteriormente. Efetivação dessas práticas realizadas por etnia. Análises e debates dessas práticas com vistas a encontrar possíveis limites e possibilidades e, respectivamente, ajustá-los e aprofundá-los. Elaboração de um relatório no qual estejam presentes reflexões discentes sobre o seu percurso neste componente curricular.

Bibliografia Básica

- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti.; REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues. **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: EDUFSCAR, 2002.
- MULTICULTURALISMO: **diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.
- OLIVEIRA, Joyce Carneiro de; FICK, Vera Maria Soares; SOUZA, Vinícius Rocha de **Formação cidadã: currículo e transversalidade**. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica, 2011.
- PEY, Maria Oly. **Reflexões sobre a prática docente**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- VASCONCELOS, José Gerardo. **Fontes, métodos e registros para a história da**

educação. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2010. 221p. ISBN 9788572823838(broch.).

Bibliografia Complementar

GARCIA, Walter E. **Educação: visão teórica e prática pedagógica.** Sao Paulo: McGraw-Hill, c1975. 173 p. ISBN (broch.).

MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente.** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005. 320 p. ISBN 8524905581 (broch.)

OLIVEIRA, Vera Lucia Mendes de. **A construção do conhecimento: do saber ao saber-fazer.** Fortaleza: Edições do Autor, 2002. 109 p.; ISBN 8590266419 (broch.)

PRÁTICAS e aprendizagens docentes. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2007.

SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. **Elaboração de memorial.** Fortaleza: UECE, 2001. 126p.

2. Métodos e Técnicas da Pesquisa

Carga Horária: 50h/a

(Prática Como Componente Curricular - PCC)

Semestre: 5º (sem pré – requisito)

Ementa- Características e elementos do conhecimento científico: objeto, teoria e método. Tipos de pesquisa científica. As diversas metodologias de pesquisa. Técnicas de coleta de dados.

Bibliografia Básica

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 2. Ed. Sao Paulo: Atlas, 1997. 151p ISBN 8522416729.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam Moreira. **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.** Campinas: Papyrus, 1998. 319 p. ISBN 8530805038 (broch.)

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento** / . 5. ed. rev. (conforme NBR 6.023/2000). Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 164p. : ISBN 8574901261 (broch.)

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia: elementos de metodologia de [i.e.do] trabalho científico.** 5. ed. Belo Horizonte, MG: Interlivros, 1977. 317p..

Bibliografia Complementar

CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa.** 2. ed. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2006. 190 p. ISBN 9788576050858 (broch.).

COSTA, Marisa C. Vorraber. **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em**

educação. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2002. 164 p. ISBN 8574901709 (broch.)

COSTA, Marisa C. Vorraber. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2007. 157 p; ISBN 978 85 98271 39 2 (Broch

PARDO, Maria Benedita Lima. **A arte de realizar pesquisa: um exercício de imaginação e criatividade**. Aracaju, SE: UFS, 2006. 89 p. ISBN 8587110616 (broch.)

SECAF, Victoria. **Artigo científico: do desafio à conquista**. 2. ed. Jundiaí, SP: Reiser, 2001. 149 p. ISBN 8587428020 (broch.).

3. Projeto Técnico e Acadêmico (Prática Como Componente Curricular - PCC)	Carga Horária: 50h/a
<p data-bbox="962 734 1511 801">Semestre: 5º (sem pré – requisito)</p> <p data-bbox="212 801 1511 940">Ementa- Metodologias de leitura e de pesquisa bibliográfica. As partes de um projeto técnico e acadêmico. Normas técnicas de referência e documentação. Sistemas de busca de referências bibliográficas. Exercício de elaboração de projeto.</p> <p data-bbox="212 1003 491 1037">Bibliografia Básica</p> <p data-bbox="212 1055 1382 1137">APPOLINÁRIO, Fábio. Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2009.</p> <p data-bbox="212 1155 1437 1238">APPOLINÁRIO, Fábio. Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, SP: Atlas, 2004.</p> <p data-bbox="212 1256 1422 1290">GARCIA, Regina Leite (org). Método, métodos, contramétodo. São Paulo: Cortez, 2003.</p> <p data-bbox="212 1308 1374 1341">GIL, Antônio Carlos, 1991: Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas.</p> <p data-bbox="212 1359 1449 1491">LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. Sao Paulo: Atlas, 2006</p> <p data-bbox="212 1559 600 1592">Bibliografia Complementar</p> <p data-bbox="212 1610 1366 1693">TEIXEIRA, Anísio. Educação é um direito. São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1968. 165 p. (Coleção Cultura, Sociedade, Educação;8) ISBN (broch.)</p> <p data-bbox="212 1711 1342 1794">CASTRO, Cláudio de Moura. A prática da pesquisa. 2. ed. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2006. 190 p. ISBN 9788576050858 (broch</p> <p data-bbox="212 1812 1310 1895">LÜDKE, Menga e De ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U, 1996.</p> <p data-bbox="212 1912 1374 1995">MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010. xvi, 297 p. ISBN 9788522457588 (broch.).</p> <p data-bbox="212 2013 1430 2096">MINAYO, M^a Cecília de S. (org), 1998: Pesquisa social – teoria, método e criatividade. – 8^a ed. – Petrópolis/RJ: Vozes.</p>	

SECAF, Victoria. **Artigo científico: do desafio à conquista**. 2. ed. Jundiaí, SP: Reiss, 170

4. Leitura e Produção de Textos Acadêmicos. (Prática Como Componente Curricular - PCC)	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 5º (sem pré – requisito)
<p>Ementa- Compreensão e Produção de textos acadêmicos na perspectiva da metodologia científica e da análise de gêneros.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>MEDEIROS, João Bosco. Manual de redação e normalização textual: técnicas de editoração e revisão. São Paulo: Atlas, 2002. 433 p.</p> <p>MEDEIROS, João Bosco. Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2008. xii, 321p. :</p> <p>SILVA, Juremir Machado da. O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010. 95 p. ISBN 9788520505571 (broch.).</p> <p>GUIA prático de monografias, dissertações e teses:Elaboração e apresentação. 4. Ed. Campinas, SP: Alínea, 2009. 76 p. ISBN 9788575163399 (broch.).</p> <p>LIMA, ROCHA; BARBADINHO NETO, RAIMUNDO; FENAME. Manual de redação. 3a ed. (rev.). Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1982. 138p.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>BHATIA, V. k. Análise de gênero hoje. Revista de Letras, Fortaleza, CE , v.23, n.1/2, p. 102-115, jan. dez. 2001.</p> <p>SOUZA, Rui Barbosa de. Correspondência: moderno manual de linguagem e comunicação. 4a ed. Porto Alegre: Rigel, [1988]. 142p.</p> <p>BEZERRA, Benedito Gomes. A distribuição das informações em resenhas acadêmicas [manuscrito]. 2001. 127 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Fortaleza (CE), 2001.</p> <p>CARIOCA, Cláudia Ramos; NOGUEIRA, Márcia Teixeira. A evidencialidade em textos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo. 2009. 200 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2009.</p> <p>OLIVEIRA, Jorge Leite. Texto Acadêmico. Brasil. Vozes, 2009.</p>	
5. Língua Brasileira de Sinais (Libras)	Carga Horária: 50 h/a

(Prática Como Componente Curricular - PCC)	Semestre: 5º (sem pré – requisito)
<p>Ementa- Uso do espaço. Classificadores. Verbos. Uso de expressões faciais gramaticais. Frases declarativas, afirmativas, negativas, interrogativas e exclamativas. Diálogos em língua de sinais.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>FALCÃO, Luiz Albérico. Aprendendo a libras e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão: estabelecendo novos diálogos.</p> <p>QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 126 p.</p> <p>LÍNGUA de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004. FALCÃO, Luiz Albérico. Surdez, cognição visual e libras: estabelecendo novos diálogos. Recife, PE: L. A. Barbosa Falcão, 2010. 560 p.</p> <p>GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009. 87 p.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>PINHEIRO, Patrícia Abreu F. Análise de um programa de ensino para a alfabetização de deficiente auditivo adulto. Bauru. 1995.</p> <p>LOPES, Ligiane de Castro. A produção textual de alunos surdos sob a mediação de softwares educativos. 2006.</p> <p>SANTOS, Juliana de Brito Marques. Era uma vez... Uma chapeuzinho, seis surdos, seis histórias.... Fortaleza, CE, 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2006.</p> <p>GOMES, Dannytza Serra. Língua brasileira de sinais: escolhas lexicais e desenvolvimento do tópico discursivo. 2009. 102 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2009.</p> <p>LACERDA, Cristina B. Feitosa. Intérprete de libras. Brasil. Mediação, 2015.</p>	

11.5 NÚCLEO DE FORMAÇÃO: MATEMÁTICA - 350 H/A

1. Etno-Matemática	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 5º(sem pré – requisito)
Ementa- A Matemática na Educação Básica dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé,	

Jenipapo-Kanindé e Anacé: seus objetivos e suas estratégias didáticas. A questão do formalismo na linguagem matemática. Funções: periodicidade; extensão; decréscimo; máximos e mínimos; proporcionalidade; trigonometria. Álgebra: análise combinatória; noções de probabilidade; matrizes e sistemas lineares; Números complexos. Geometria: espacial e analítica.

Bibliografia Básica

BARBOSA, João Lucas Marques. **Geometria Euclidiana Plana**. 8ª ed. SBM. Rio de Janeiro – RJ, 2005.

CARVALHO, Dione Lucchesi de. **Metodologia do ensino de matemática**. 3ª edição. rev. Cortez. São Paulo, 2009.

CARMO, Manfredo Perdigão do, MORGADO, Augusto Cesar, WAGNER, Eduardo. **Trigonometria, números complexos**. 3ª ed. SBM. Rio de Janeiro – RJ, 2005.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade**. 2ª ed. Autêntica. Belo Horizonte – MG, 2002.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação matemática: da teoria a prática**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997. 121p (Coleção Perspectivas em Educação Matemática.).

Bibliografia Complementar

DOLCE, Osvaldo, POMPEO, José Nicolau. **Fundamentos de matemática elementar: geometria plana**. 7ª ed. vol. 9. Atual. São Paulo, 1996.

DOLCE, Osvaldo; POMPEU, Jose Nicolau. **Fundamentos de matemática elementar: geometria espacial**. São Paulo: Atual, 1977. 10v

IEZZI, Gelson, MURAKAMI, Carlos. **Fundamentos de matemática elementar: conjuntos, funções**. 7ª ed. vol. 1. Atual. São Paulo, 1996.

IEZZI, Gelson. **Fundamentos de matemática elementar: trigonometria**. 7ª ed. vol. 3. Atual. São Paulo, 1996.

DANTE, Luiz Roberto. **Didática da resolução de problemas de matemática**. 12ª edição, 7ª impressão. Ática. São Paulo, 2003.

2. Introdução ao Cálculo	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 5º(sem pré – requisito)
Ementa- Conjuntos numéricos e operações: números naturais, números inteiros, números racionais e números reais. Funções e equações: funções de 1º e 2º grau e equações do 1º e 2º grau. Razão, proporção, regra de três, geometria analítica no plano: coordenadas no plano, distância entre dois pontos, equação da reta.	

Bibliografia Básica

BARROS, Ivan de Queiroz. **Introdução ao cálculo numérico**. Sao Paulo: Edgard Blücher, c1972. 114p.

BOULOS, Paulo. **Introducao ao calculo**. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 1974. 3v.

MASSARANI, Giulio. **Introdução ao cálculo numérico**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1967. 130 p. ISBN (broch.)

SIMMONS, George Finley. **Calculo com geometria analítica**. Sao Paulo: McGraw-Hill, 1987. 2 v. ISBN 0074504118 (broch. : v.1

VIANNA, Felipe. **Transformação de Carson-Laplace: cálculo operacional**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1971. x, 194 p. ISBN (broch

Bibliografia Complementar

LIMA, Elon Lages. **Coordenadas no plano: Geometria analítica, vetores e transformações Geométricas**. 2.ed., rev. Rio de Janeiro: Sociedade brasileira de Matemática, 1992. 216p. (Coleção do professor de matemática).

LEQUAIN, Yves A. **Aproximação de um numero real por números racionais**. Rio de Janeiro: IMPA, [198]. 151p

MALTA, Iaci; PESCO Sinésio; LOPES, Helio. **Cálculo a uma variável**. Rio de Janeiro, RJ: PUC; São Paulo, SP: Loyola, c2002. 2v. (Coleção Matmídia) ISBN 8515024403 (broch. : v. 1

MURDOCH, D. C.; SWERTS, Saulo Diniz. **Geometria analítica: com uma introdução ao cálculo vetorial e matrizes**. 2. Ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1971. 296p. ISBN (broch.)

THOMAS, George Brinton. **Calculo**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1968. 2 v.

3. Matemática Fundamental

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 5º (sem pré – requisito)

Ementa- Contagem. Números naturais. Teorema Fundamental da Aritmética. Números racionais. Números reais. Prática de ensino. História da Matemática relacionada ao conteúdo

Bibliografia:

Básica

BARON, Margaret E; BOS, H. J. M. **Curso de historia da matemática: origens e desenvolvimento do cálculo**. Brasília, DF: UnB. 1985. 5v.

HEFEZ, Abramo. **Elementos de aritmética**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Matemática, c2005. 169p. (Coleção Textos universitarios) ISBN 8585818255 (broch.)

LACAZ NETTO, Francisco A. **Números reais**. 2. Ed. Sao Paulo: Nobel, 1958. 178 p.

LEQUAIN, Yves A. **Aproximação de um número real por números racionais**. Rio de Janeiro: IMPA, [198]. 151p

SILVA, Clóvis Pereira da. **A matemática no Brasil: história de seu desenvolvimento**. 3. ed. rev. São Paulo: E. Blücher, 2003. x, 163 p. ISBN 852120325X (broch.).

Complementar

AABOE, Asger. **Episódios da história antiga da matemática**. [Rio de Janeiro]: Sociedade Brasileira de Matemática, 1984. 170p.

ARAGONA, Jorge. **Números reais**. São Paulo: Livraria da Física, 2010. ix, 178 p. ISBN 9788578610401 (broch.).

DAVIS, Philip J.; HERSH, Reuben. **A experiência matemática**. 2a ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1985. 481p.

KAMII, Constance. **Aritmética: novas perspectivas, implicações da teoria de Piaget**. . 6. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997. 237p. ISBN 8530801687

GENTILE, Enzo R. **Aritmética elemental**. Washington: Secretaria General de la Organizacion de los Est, 1985. 138p.

4. Introdução à Estatística	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 6º (sem pré – requisito)
<p>Ementa- Técnicas de amostragem. Estatística descritiva: mensuração e medidas de sumarização (tendência central e dispersão). Estimacão de parâmetros: intervalo de confiança para média e proporções. Utilização de planilha de cálculo. O tratamento da informação. Desenvolver, aplicar e avaliar projetos, envolvendo os procedimentos de coleta, organizaçãõ análise e comunicaçãõ de dados. Prática de Ensino.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>COCHRAN, William Gemmel. Técnicas de amostragem. Sao Paulo: Fundo de cultura, 1965. 555p.</p> <p>GONÇALVES, Fernando Antônio. Estatística descritiva: uma introdução. 2.ed. Sao Paulo: Atlas, 1977. 217p.</p> <p>MOORE, David S. A estatística básica e sua prática. 5. Ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2011. xxv 555 p. ISBN 8521617907 (broch.).</p> <p>MILONE, Giuseppe,; ANGELINI, Flavio. Estatística geral. Sao Paulo: Atlas, 1993. 2 v. ISBN 8522409773 (broch.)</p> <p>SARTORIS, Alexandre. Estatística e introdução à econometria. São Paulo, SP: Saraiva 2003. 426p. ISBN 8502041231</p>	

Bibliografia Complementar

ARCHIBALD, G. C.; LIPSEY, Richard G.; PAULA, Sérgio Góes de. **Tratamento matemático da economia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 455 p. ISBN (Broch.)

GOODMAN, Richard. **Aprenda sozinho estatística**. Sao Paulo: Pioneira, 1965. 273p.

TOLEDO, Geraldo Luciano; OVALLE, Ivo Izidoro. **Estatística básica**. 2 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011. 459p. ISBN 978-85-224-1791-9.

TRIOLA, Mario F.; FARIAS, Ana Maria Lima de FLORES, Vera Regina Lima de Farias e. **Introdução à estatística: atualização da tecnologia**. 11. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013. xxviii; 707p. ISBN 97788521622060 (broch.).

SILVA, Nilza Nunes da.. **Amostragem probabilística: um curso introdutório**. 2. ed. rev. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. 120 p. (Acadêmica ;18) ISBN 8531404231 (broch.)

5. Matemática Financeira**Carga Horária: 50 h/a****Semestre: 6º (sem pré – requisito)**

Ementa- Capitalização simples e capitalização composta. Desconto simples e desconto composto. Taxas de juros. Aplicações. Prática de Ensino.

Bibliografia Básica

DIAS, Mario. **Conhecimentos financeiros indispensáveis a um executivo**: inclusive para profissionais não financeiros. 2. Ed. São Paulo: Edicta, 2002. 192p. ISBN 8587133241 (broch.)

HOJI, Masakazu. **Administração financeira: uma abordagem prática; matemática financeira aplicada, estratégias financeiras, análise, planejamento e controle financeiro**. 3. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2001. 497p. ISBN 8522429065 (broch.)

BLECKE, Curtis J. **Análise financeira para a tomada de decisão**. 2.ed. São Paulo: Atlas, c1976. 247p. (Prática gerencial; v.3) ISBN (broch.)

IUDICIBUS, Sérgio de **Análise de balanços**. 10. ed. / São Paulo, SP: Atlas, c2009. xii 254 p. ISBN 9788522454211 (broch.).

POLÍTICA monetária: modelos de organização e determinação da taxa de juros : o caso do Brasil. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2008. 134 p. ISBN 9788573655735 (broch.).

Bibliografia Complementar

MOREIRA, Roberto Moreno. **A determinação da taxa de juros em uma economia financeiramente aberta**. Rio de Janeiro, 1985. xii, 112f. Dissertação (mestrado) - Instituto Brasileiro de Economia. Escola de Pós-Graduação em Economia.

MISSAGIA, Luiz Roberto; VELTER, Francisco. **Aprendendo matemática financeira: mais de 350 questões com gabarito: incluindo questões da prova de AFRF/2005.** Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2006. 489 p. (Série provas e concursos) ISBN 9788535221743 (broch.).

FRANCO, Hilário. **Contabilidade comercial.** 13a ed. rev. e atualizada. Sao Paulo: Atlas, 1991. 296P. ISBN 8522406154.

CAVALHEIRO, Luiz A.F. **Elementos de matemática financeira: operações a curto prazo.** 12.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1992. 208p ISBN 852250170X.

POMPEO, José Nicolau. **Matemática Financeira. Brasil.** Saraiva, 2009.

6. Geometria Euclidiana

Carga Horária: 50 h/a

Semestre: 6º (sem pré – requisito)

Ementa- Conceitos básicos. Trigonometria e relações métricas num triângulo. Polígonos regulares. Perímetros e áreas. Prática de Ensino. História da Matemática relacionada aos conteúdos.

Bibliografia Básica

LOPES, Maria Laura Mousinho Leite. **Conceitos fundamentais da geometria.** Buenos Aires: Imprenta Lopez, 1962. 120p.

RODRIGUES, Alexandre Augusto Martins. **Álgebra linear e geometria euclidiana.** Sao Paulo: L. P. M., 1966. 192p.

VIEWEGER, Hugo. **Aritmética, álgebra, planimetria, trigonometria.** 3. Ed. Barcelona: Labor, 1956. 704p. (La Escuela Del técnico mecanico, t.1) ISBN (broch.)

BARON, Margaret E; BOS, H. J. M. **Curso de historia da matemática: origens e desenvolvimento do calculo.** Brasília, DF: UnB. 1985. 5v.

FERREIRA, Paulo Cesar Pfaltzgraff. **Cálculo e análise vetoriais com aplicações práticas.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2012. V. ISBN 9788539901852 (broch.)

Bibliografia Complementar

AABOE, Asger. **Episódios da historia antiga da matemática.** [Rio de Janeiro]: Sociedade Brasileira de Matemática, 1984. 170p.

SILVA, Clóvis Pereira da. **A matemática no Brasil: história de seu desenvolvimento .** 3. ed. rev. São Paulo: E. Blücher, 2003. x, 163 p. ISBN 852120325X (broch.).

SOUZA, Juceli Lima de. **A influência da performance docente e da gestão escolar no desempenho dos alunos em matemática : estudo de caso.** 2000. 190 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2000

ANTON, Howard; BIVENS, Irl; DAVIS, Stephen. **Cálculo.** 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

2v. ISBN 9788560031634 (broch.).

_LOPES, Maria Laura Mousinho Leite. **Conceitos fundamentais da geometria.** Buenos Aires: Imprenta Lopez, 1962. 120p.

7. Geometria Analítica Plana	Carga Horária: 50h/a Semestre: 6º (sem pré – requisito)
<p>Ementa- Coordenadas Cartesianas. Distância. Equações de retas. Equações de cônicas. Trigonometria no círculo unitário. Prática de Ensino. História da Matemática relacionada aos conteúdos</p>	
<p>Bibliografia Básica</p>	
<p>CRAIZER, Marcos; TAVARES, Geovan. Cálculo integral a várias variáveis. Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC - Rio; São Paulo, SP: Loyola, 2007. 289 p. (Coleção Matmídia Coleção Matmídia) ISBN 9788515024414 (broch.).</p>	
<p>DOLCE, Osvaldo; POMPEO, José Nicolau. Fundamentos de matemática elementar: 9: geometria plana. 8. Ed. São Paulo, SP: Atual, 2005. 455 p. ISBN 853570552X (broch.).</p>	
<p>KINDLE, Joseph H. (Joseph Henry); FONSECA, Washington Sylvio. Geometria analítica plana e no espaço: resumo da teoria, [345] problemas resolvidos, [910] problemas propostos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, c1959. 244 p. ISBN (broch.)</p>	
<p>STEINBRUCH, Alfredo; BASSO, Delmar. Geometria analítica plana. Sao Paulo: Makron, McGraw-Hill, c1991. 193p. ISBN 0074609386</p>	
<p>CORRÊA, Paulo Sérgio Quilelli. Álgebra linear e geometria analítica. Rio de Janeiro: Interciência, 2006. 327 p. ISBN 8571931283 (broch.)</p>	
<p>Bibliografia Complementar</p>	
<p>LIMA, ELON LAGES; INSTITUTO DE MATEMATICA PURA E APLICADA (BRASIL); COLOQUIO BRASILEIRO DE MATEMATICA. Análise geométrica. [Rio de Janeiro]: IMPA 1969. 109p</p>	
<p>FELZENSZWALB, BERNARDO; INSTITUTO DE MATEMATICA PURA E APLICADA (BRASIL); COLOQUIO BRASILEIRO DE MATEMATICA. Álgebras de dimensão finitas. Rio de Janeiro: IMPA, 1979. 105p.</p>	
<p>MUNEM, Mustafá A.. Calculo. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, [1978-1982]. 2v. ISBN 8570300212</p>	
<p>SIMMONS, George Finley. Calculo com geometria analítica. Sao Paulo: McGraw-Hill, 1987. 2 v. ISBN 0074504118 (broch. : v.</p>	
<p>GONÇALVES, Zózimo Menna. Geometria Analítica Plana. Brasil. LCP, 1978.</p>	



11.6 NÚCLEO DE FORMAÇÃO: HISTÓRIA – 400 H/A

1. História Antiga	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 6º (sem pré – requisito)

Ementa- Política, cultura, economia e organização social no mundo antigo greco-romano. A construção das categorias de Ocidente e Oriente. Sociedade do Antigo Oriente: economia, política, cultura e dinâmica social. - O conceito de Idade Média. As invasões e a formação dos Reinos Bárbaros na Europa Ocidental.

Bibliografia Básica

FINLEY, M. I. **Aspectos da antiguidade:** descobertas e controvérsias. RJ Ed 70, 1990.
LOT, F. **O fim do mundo antigo e o princípio da idade média.** Lisboa: Ed 70, c1968.
PINSKY, Jaime. **Modos de produção na Antiguidade.** Sao Paulo: Global Gaia, 1986.
ZIERER, Adriana. **História antiga e medieval.** São Luís, MA: UEMA, 2011. **PETIT, CAMPOS,** Pedro Moacyr. **História antiga.** Difusão Europeia do Livro, 1964.

Complementar

REALE, Giovanni. **História da filosofia:** 1: filosofia pagã antiga. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. 385 p. ISBN 8534919708 (broch.)
MOSSÉ, Claude. **O cidadão na Grécia antiga.** Lisboa: Edições 70, 1993.
Fustel de Coulanges. **A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma.** 10. ed. Lisboa: Clássica, 1971
FINLEY, M. I.. **Economia e sociedade na Grécia Antiga.** Sao Paulo: Martins Fontes, 1989. 338p.
DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga.** São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

2. História Medieval	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 6º (sem pré – requisito)
<p>Ementa- Política, cultura, economia e organização social na idade média. O conceito de Idade Média. As invasões e a formação dos Reinos Bárbaros na Europa Ocidental. A Igreja. A formação do Feudalismo: sociedade, política, mentalidade, imaginário economia. Dinâmica e transformações na sociedade feudal</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>BAKHTIN, M. M. (Mikhail Mikhailovitch). A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; 1993.</p> <p>LE GOFF, Jacques. O Apogeu da cidade medieval. São Paulo: Martins, 1992.</p> <p>DUBY, Georges. A Europa na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 170p. (O Homem e a história)</p> <p>MCEVEDY, Colin. Atlas de história medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 117p. ISBN 9788535911169 (broch.).</p> <p>LE GOFF, Jacques. Em busca da idade média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.</p> <p>Complementar</p> <p>LE GOFF, Jacques. A Bolsa e a vida: economia e religião na idade média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.</p> <p>PIRENNE, Henri. As cidades da idade media. Lisboa: Europa América, 1971.</p> <p>DE BONI, Luis Alberto. De Abelardo a Lutero: estudos sobre filosofia prática na Idade Média. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.</p> <p>MULLER-BOCHAT, Eberhard. Entre a idade media e a renascença. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1969.</p> <p>DUBY, Georges. A Europa na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 170p.</p>	
3. História Moderna	Carga Horária: 50 h/a
Semestre: 6º (sem pré – requisito)	

Ementa- O conceito de Modernidade. A transição do Feudalismo para o Capitalismo. Colonização, Mercantilismo e Acumulação. Transformações culturais: Renascimento e Reforma. Transformações políticas.

Bibliografia Básica

ANDERSON, Perry. **Linhagens do estado absolutista**. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. Brasília; DF: Ed. UnB, c1991.

FALCON, Francisco Jose Calazans. **Mercantilismo e transição**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 20. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

Complementar

BURKE, Peter. **A cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBBSAWM, E. J. **A revolução francesa**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1996.

BLANNING, T. C. W. **Aristocratas versus burgueses?: a Revolução Francesa**. São Paulo: Ática, 1991

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, c1996.

LEFEBVRE, Georges. **O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

4. História Contemporânea

Carga Horária: 40h/a

Semestre: 7º (sem pré – requisito)

Ementa- A Revolução Industrial. Transformações econômicas e sociais a partir da segunda metade do séc. XVIII. Iluminismo e despotismo reformista. Liberalismo e capitalismo industrial. Mercado mundial e novas formas de colonização. Trabalhadores rurais e urbanos na segunda metade do século XVIII e durante o século XIX. Revoluções liberais e democráticas. Processos de unificação nacional, Estado-nação e nacionalismos. Pensadores e movimentos críticos do capitalismo.

Bibliografia Básica

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945**. São Paulo: Brasiliense, 1989. 258 p.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, c1994.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX**. São Paulo: Fundamento, 2008.

FALCON, Francisco Jose Calazans. **O iluminismo**. São Paulo: Ática, 1986. 95p

CARMICHAEL, Joel. **Historia resumida da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967..

Bibliografia Complementar

TAMARIT, Jose; ROMAO, Jose Eustáquio. **Educar o soberano: critica ao iluminismo pedagógico de ontem e de hoje**. São Paulo: Cortez: 1996. Instituto Paulo Freire, 152p

VIEIRA, Pedro Antônio. **E o homem fez a maquina: a automatização do torno e a transformação do trabalho desde a Revolução Industrial ate a revolução microeletrônica**. Florianópolis: UFSC, 1989. 100p.

MÃO JÚNIOR, José Rodrigues; COGGIOLA, Osvaldo. **América Latina: encruzilhadas da história contemporânea**. São Paulo, SP: Historia FFLCH-USP , PROLAM, 2003.

TOYBEE, Arnold Joseph. **Estudos de história contemporânea: a civilização posta a prova. O mundo e o ocidente**. 4.ed. Sao Paulo: Nacional, 1976

MARQUES, Adhemar Martins. **Historia contemporânea através de textos**. Sao Paulo: Contexto, 1997. 181p

5. Índios e o Colonialismo no Brasil	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 7º (sem pré – requisito)
<p>Ementa. Processos de constituição dos aldeamentos. Demografia. Manifestações culturais. Organização social e econômica. O diretório pombalino e as missões jesuíticas. Classificação étnica e linguística.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p>	
<p>MENDONCA, Marcos Carneiro de. O Marquês de Pombal e o Brasil. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1960.</p>	
<p>CHAUÍ, Marilena de Sousa; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. Índios no Brasil. São Paulo: Global Gaia, 2000.</p>	
<p>RIBEIRO, Darcy,. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno . 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.</p>	
<p>GALVÃO, Eduardo. Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979.</p>	
<p>Bibliografia Complementar</p>	
<p>CHAIM, Marivone Matos. Os aldeamentos indígenas na capitania de Goiás: sua importância na política de povoamento (1749-1811). Goiânia, GO: Oriente 1974.</p>	

OMPEU SOBRINHO, Thomaz; MARTINS, Floriano. **A grandeza índia do Ceará.** Fortaleza, CE: Edições UFC, 2010.

CUNHA, Manuela Carneiro da FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO.; SÃO PAULO (SP). **História dos índios no Brasil.** 2.ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

STUDART FILHO, Carlos. **Aborígenes do Ceará.** Ceará: Instituto do Ceará, 1965.

6. Índios e a República no Brasil	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 7º (sem pré – requisito)
<p>Ementa. A criação do Sistema de Proteção ao índios – SPI. Os índios e a FUNAI. Os direitos indígenas ao longo da república. Demografia. Distribuição étnica e linguística. Aspectos culturais, econômicos e sociais.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p>	
<p>RONDINELLI, Rosely Curi. Inventário analítico do arquivo do SPI. Rio de Janeiro: Museu do Índio; Fundação biblioteca nacional, 1995.</p>	
<p>SOARES, Bruna Kelly Oliveira. Os direitos dos povos indígenas perante a corte interamericana de direitos humanos. 2015.</p>	
<p>SANTILLI, Juliana. Os Direitos indígenas e a constituição. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 1993.</p>	
<p>SANTILLI, Márcio. Os Brasileiros e índios. São Paulo: SENAC, 2000.</p>	
<p>AMOS, Arthur. A organização dual entre os índios brasileiros. Rio de Janeiro: (s.n.), 1945.</p>	
<p>Bibliografia Complementar</p>	
<p>RIBEIRO, Berta G. OS ÍNDIOS antes do Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2000.</p>	
<p>MOREAU, Filipe. Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta. São Paulo, SP: Annablume, 2003.</p>	
<p>CUNHA, Manuela Carneiro da. Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. São Paulo: Hucitec, 1978.</p>	
<p>BARBIERI, Samia Roges Jordy. Os Direitos Constitucionais dos Índios e o Direito à Diferença, Face ao Princípio da Dignidade da Pessoa Humana. Coimbra, Portugal: Almedina, 2008.</p>	
<p>HUXLEY, Francis. Selvagens amáveis: (um antropologista entre os índios Urubus do Brasil). Edição ilustrada. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1963.</p>	

7. História dos Índios no Ceará	Carga Horária: 50 h/a
<p>Ementa. Aldeamentos. Demografia. Culturas e rituais. Religiões e atividades econômicas. Arte e artesanato. Processos de demarcação de áreas indígenas e de afirmação étnica. Escolas indígenas. Conquista e demandas atuais.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>PIRES, Maria Idalina da Cruz. 'Guerra dos bárbaros': resistência indígena e conflitos no nordeste colonial. Recife, PE: UFPE, 2002.</p> <p>SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino. São Paulo, SP: Pontes Editores, 2005.</p> <p>SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. Identidade, cultura e interesses : a territorialidade dos Índios Jenipapo-Kanindé do Ceará. 2001. 153</p> <p>CAVALCANTE, Gustavo Bezerril. A natureza encantada que encanta: histórias de seres dos mangues, rios e lagoas narradas por índios Tapeba. 2010.</p> <p>STUDART FILHO, Carlos. Aborígenes do Ceará. Ceará: Instituto do Ceará, 1965.</p> <p>POMPEU SOBRINHO, Thomaz; MARTINS, Floriano. A grandeza índia do Ceará. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2010.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>GONDIM, Juliana Monteiro. 'Não Tem Caminho Que Eu Não Ande e Nem Tem Mal Que Eu Não Cure' : Narrativas e Práticas Rituais das Pajés Tremembé. 2010.</p> <p>AIRES, Joubert Max Maranhão Piorsky. A escola entre os índios tapeba: o currículo num contexto de etnogenese. Fortaleza, CE, 2000.</p> <p>PINHEIRO, Joceny de Deus. Artes de contar, exercício de rememorar: história, memória e narrativa dos Índios Pitaguary. 2002.</p> <p>XAVIER, Maico Oliveira. Extintos no discurso oficial, vivos no cenário social: os índios do Ceará no período do império do Brasil. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015.</p> <p>RIBEIRO, Berta. O índio na história do Brasil. Brasil. Global, 2009.</p>	Semestre: 7º (sem pré – requisito)
8. Estudos Coloniais e Pós Coloniais	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 7º (sem pré – requisito)

Ementa- Constituição do campo dos estudos culturais. Colonialismo e libertação. Identidade e a questão do outro. Estudos culturais e ação política.

Bibliografia Básica

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte. UFMG, 1998.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2003.

SAID, Edward. **O orientalismo revisto**. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

Bibliografia Complementar

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença {...}**. Petrópolis. Vozes, 2013

BHABHA, Homi. **A questão do outro {...}**. Rio de Janeiro. Rocco, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Brasil. Zahar, 2009.

_____. **Modernidade líquida**. Brasil. Zahar, 2001.

11.7 NÚCLEO DE FORMAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA – 350 H/A

1. Língua Portuguesa	Carga Horária: 50/a
	Semestre: 7º (sem pré – requisito)
<p>Ementa- Linguagem e Cultura. O “Português índio” como reinvenção da língua do Colonizador e como “veículo” das culturas indígenas; O que o “Erro de Português” revela sobre matrizes linguísticas indígenas; As “normas” atuais do Português brasileiro: prática de elaboração de textos; Indicações de pesquisa e registro de usos e costumes do cotidiano Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p>	
<p>ALMEIDA, Milton Jose de; GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. 2. ed. Sao Paulo: Ática, 1999. 136p ISBN 8508062206</p>	
<p>ANTUNES, Irandé. Lutar com palavras – coesão e coerência. São Paulo, Parábola Editorial, 2005.</p>	
<p>CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & lingüística. São Paulo: Scipione, 1989.</p>	
<p>GNERRE, Maurício. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1985.</p>	
<p>KLEIMAN, Ângela B. (Org). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1999.</p>	
<p>Bibliografia Complementar</p>	

COLOGNESE, Estela Maris Giordani (Org.). **A construção da linguagem escrita**. Toledo, PR: Editora Toledo, 1996. 92 p. (Cadernos de apoio ao alfabetizador; v.1) ISBN (broch.). 185

PEREIRA, Nilton Mullet. **Ler e escrever: compromisso no ensino médio**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008. 317 p. (Educação continuada)

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 3.ed. São Paulo, SP: Cortez, 1993. 102 p. (Biblioteca da Educação; Atualidades em educação 2) ISBN 8524904720 (broch.).

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1987. 121 p. (Texto e Linguagem) ISBN (broch.).

KLEIMAN, Angela; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. (Coleção Idéias sobre Linguagem) ISBN 85 85725 50 8.

2. Língua portuguesa: Fonologia	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 7º (sem pré – requisito)
Ementa- Estudo do sistema fonológico do Português, de sua realização fonética e sua relação com o sistema ortográfico.	
Bibliografia Básica	
<p>MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Acento e ritmo. São Paulo: Contexto, 1992. 95p.</p> <p>RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sonia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice. Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador, BA: ADUFBA, 2009.345 P. isbn9788523206048 (broch.).</p> <p>SILVA, Soeli Maria Schreiber da. Argumentação e polifonia na linguagem. Campinas, SP: UNICAMP, 1991. 92P</p> <p>WILLIAM, Edwin B.. Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 5. Ed. Rio de janeiro: Tempo Brasileiro 1991. 325p.</p> <p>As múltiplas faces da linguagem. Brasília: UnB, 1996. 530p ISBN 8523004181</p>	
Bibliografia Complementar	
<p>VALÉRIO, Yvantelmack Dantas. Argumentação e metáfora: uma aproximação entre teoria da argumentação na língua e a lingüística cognitiva. 2007. 107 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Lingüística, Fortaleza-CE, 2007.</p> <p>LEMLE, Miriam. Análise sintática: (teoria geral e descrição do português). 2. Ed. Sao Paulo: Ática, 1989. 212p. (Ensaio106) ISBN 8508035535.</p> <p>PASSEGI, Luis. Abordagem em lingüística aplicada. Natal: UFRN, 1998. 198p</p> <p>SILVA, Thaís Cristófaró. Dicionário de fonética e fonologia. São Paulo, SP: Contexto, 2011. 239p. ISBN 9788572446204 (broch.).</p>	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ; BESSA, José Rogério Fontenele. **Atlas linguístico do Estado do Ceará**. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2010. 2 v. ISBN 978 85 7282 371 5 (enc.)

3. Língua portuguesa: Frase	Carga Horária: 50h/a
	Semestre: 8º (sem pré – requisito)
<p>Ementa- Estudo dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da frase em língua portuguesa: elementos constitutivos, relações e processos de construção, estrutura informacional.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p>	
<p>DUBOIS-CHARLIER, Françoise; LEEMAN, Danielle. Bases de análise linguística. Coimbra: Almedina, 1976. 334p.</p>	
<p>ILARI, Rodolfo. Perspectiva funcional da frase portuguesa. 2. ed. rev. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1992. 174p.</p>	
<p>MACAMBIRA, José Rebouças. Português estrutural: estrutura das palavras, estrutura do verbo, estrutura da oração interrogativa. Fortaleza: UFCE, 1974. 385 p.</p>	
<p>MANUAL de redação Barsa. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2005. 391 p</p>	
<p>KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Argumentação e linguagem. 3. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1993. 240p.</p>	
<p>Bibliografia Complementar</p>	
<p>GIRÃO, Eduardo,. Frases e conceitos. [Fortaleza]: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, [1961]. 289p.</p>	
<p>ROCHA, Rosa Cecília Freire da. A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português. Brasília, DF, 1997. 122fl. Dissertação (Mestrado) UnB 1997 Maria Marta Pereira Scherre.</p>	
<p>OLIVIA, Madre. Análise semântica: treinamento progressivo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. 143 p.</p>	
<p>RIBEIRO, João. Frases feitas: estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: F. Alves, 1960. 432 p.</p>	
<p>VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. Elucidário das palavras, termos e frases: que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram. Edição crítica. Porto [Portugal]: Civilização, 1966.</p>	

4. Língua Portuguesa: vocábulo	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 8º (sem pré – requisito)
<p>Ementa- Estudo do vocábulo em língua portuguesa considerando estruturação mórfica e articulação morfossintática.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p> <p>CASTRO, Maria Fausta Pereira de. Aprendendo a argumentar: um momento na construção da linguagem. 2. Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996. 266p.</p> <p>RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sonia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice. Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador, BA: EDUFBA, 2009. 345 p. ISBN 9788523206048 (broch.).</p> <p>HENRY, Paul; CASTRO, Maria Fausta Pereira de. A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso. Campinas, SP: UNICAMP, 1992. 241p.</p> <p>O METODO e o dado no estudo da linguagem. Campinas, SP: UNICAMP, 1996. 254p.</p>	
<p>Bibliografia Complementar</p> <p>ALENCAR, Maria Silvana Militão. Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /r/. 2007. 184 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Fortaleza-CE, 2007.</p> <p>MONTEIRO, José Lemos. Dialetologia e diacronia. Revista de Letras, Fortaleza, CE , v.14, n.1/2, p.183-203, jan./dez.1989.</p> <p>BRAGA, Rosiane Cristina Gonçalves. Aspectos da microestrutura de vocabulários técnico-científicos: a necessidade de um trabalho conjunto entre terminólogos/lingüistas e especialistas. Revista de Letras, Fortaleza, CE, v.24, n.1/2, p. 60-64, jan. dez. 2002.</p> <p>FERNANDES, José Alves. Cronologia vocabular da língua portuguesa (continuação). Revista de Letras, Fortaleza, CE , v.16, n.1/2, p. 51-56, jan./dez.1994.</p> <p>OLIVEIRA, Edivone Meire. Avaliação dos aspectos linguísticos e metalinguísticos na aprendizagem da leitura I. 2003. 90f. Dissertação (Mestrado) em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, 2003. Maristela Lage Alencar (orientador).</p>	
5. Língua Portuguesa: texto e discurso	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 8º (sem pré – requisito)

Ementa- Estudo dos processos e estratégias de textualização na construção do sentido do texto/discurso.

Bibliografia Básica

BRONCKART, Jean-Paul; MACHADO, Anna Rachel; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles.

Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. Campinas, SP: Mercado das letras, 2006. 259 p. ; ISBN 8575910558 (broch.)

FAVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais.** 5. Ed. São Paulo: Ática, 1998. 104p.

FIGUEIREDO, Olívia Maria. **A anáfora nominal em textos de alunos: a língua no discurso.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 430p.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto.** 5. Ed. São Paulo: Ática, 1997. 87p.

TEXTO discurso e ensino. São Paulo, SP: Contexto, 2012. 181 p..

Bibliografia Complementar

LEITE, Cília Coelho Pereira; OLÍVIA, Madre; FAVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. **Sintaxe-semântica: base para gramática de texto** . Sao Paulo: Cortez, 1985. 182p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2008. 238 p.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos.** 8. ed. Sao Paulo: Globo, 1997. 221p

VOESE, Ingo. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa.** São Paulo, SP: Cortez, 2005. 160 p.

BEZERRA, Cleide Alves Ribeiro. **Articulação hipotática adverbial e argumentação: uma análise do uso de orações concessivas em artigos e opiniões editoriais.** 2006. 107f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Lingüística, Fortaleza-CE, 2006.

6. Introdução á Linguística

Carga Horária: 50 h/a

Semestre: 8º (sem pré – requisito)

Ementa- Estudo do objeto e conceitos básicos da linguística, tendo em vista a história das ideias linguísticas, tendências atuais, métodos e procedimentos de análise.

Bibliografia Básica

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à linguística.** Porto Alegre: Globo, 1973. 226p.

DUCROT, Oswald; PAES, Jose Paulo, trad. **Estruturalismo e linguística.** São Paulo: Cultrix, 1970. 146p.

- MOUNIN, Georges. **Introdução à linguística**. 2. Ed. Lisboa: Iniciativas Editoriais, c1968. 166p.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SILVA, Maria Cecilia Perez de Souza e; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1985. 72p.

Bibliografia Complementar

- AS múltiplas faces da linguagem. Brasília: UnB, 1996. 530p.
- BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas. 3**. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976. 285 p.
- LEPSCHY, Giulio. **A linguística estrutural**. São Paulo: Perspectiva, 1971. 204 p.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. 2. Ed. São Paulo, SP: Hacker, 2002. 123 p.
- TOLEDO, Dionísio. **Circulo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia**. Porto Alegre: Globo, 1978. 428p.

7. Fundamentos Linguísticos e ensino de Alfabetização	Carga Horária: 50 h/a
	Semestre: 8º (sem pré – requisito)
Ementa: Estudo das concepções de letramento de alfabetização, dos métodos de alfabetização e das implicações pedagógicas, desses conceitos, envolvendo a observação de aulas na escola.	
Bibliografia Básica:	
MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: domínios e fronteiras . São Paulo: Cortez, 2001.	
MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos , volume 3. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007	
KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas . 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.	
CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & linguística . Sao Paulo: Scipione, 1989.	
LOPES, Edward. Fundamentos da linguística contemporânea . 9.ed. São Paulo: Cultrix, 2002.	
Bibliografia Complementar:	
SILVA, Ademar da. Alfabetização: a escrita espontânea . São Paulo: Contexto, 1991.	
BRASIL. Alfabetização como liberdade . Brasília: UNESCO, MEC 2003.	
DURANTE, Marta. Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos . Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.	

OLIVEIRA, Edivone Meire. **Varição lingüística rural e alfabetização de crianças**: avaliação de intervenções lingüísticas e metalingüísticas. 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. 2. ed. São Paulo, SP: Parábola, 2009.

8. Sociolinguística

Carga Horária: 50 h/a

Semestre: 8º (sem pré – requisito)

Ementa: Estudo de questões teóricas e metodológicas vinculadas a relação entre língua e sociedade.

Bibliografia Básica:

GARMADI, Juliette. **Introdução a sociolinguística**. Lisboa: D. Quixote, 1983.

ILVA, Maria Lucas da. **Oralidade e escrita: uma análise sociolinguística em textos escritos de alunos do ensino fundamental**. 2013.

AQUEL, Betânia Maria Gomes. **Sociolinguística, política educacional e a escola pública estadual de Fortaleza/CE** 2007.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica** |c Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. 2.ed. São Paulo, SP: Parábola, 2002.

KATO, Mary Aizawa. **Estudos em alfabetização**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

Bibliografia Complementar:

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. Sao Paulo: Contexto, 1999.

CARDOSO, Suzana Alice. **Os estudos sobre a diversidade do português na UFBA. Caminhos da dialetologia e da sociolinguística**. Revista de Letras, Fortaleza, CE , n.25, v.1/2, p. 90-93, jan. dez. 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

SILVA, Maria do Socorro Pimentel da. **A situação sociolinguística dos Karajá de Santa Isabel do Morro e Fontoura**. Brasília, DF: FUNAI, Departamento de Documentação, 2001.

GUY, Gregory R; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo, SP: Parábola, 2007.

11.8 ATIVIDADES: ESTÁGIO E TCC.

Estágio Curricular Supervisionado (Regulamento na seção 18, página 101)	Carga Horária: 400 h/a Semestre: 5º, 6º, 7º e 8º. (sem pré-requisito)	191
Estágio I (100 h/a – 5º semestre)		
<p>Ementa- Contato com a prática pedagógica dos professores indígenas. Levantamento de dados e exercício teórico metodológico de problematização do campo educacional indígena. Estudo de aplicabilidade educacional nas escolas indígenas.</p>		
<p>Bibliografia Básica</p>		
<p>CABRAL, Ana Suely A. C. Instituto Nacional do Livro (Brasil). Projeto Interação Por uma Educação Indígena Diferenciada. Brasília: Fundação Nacional Pro-Memória, 1987.</p>		
<p>A PRÁTICA de ensino e o estágio supervisionado. Campinas, SP: Papyrus, 2012.</p>		
<p>JOAZEIRO, Edna Maria Goulart. Estágio supervisionado: experiência e conhecimento. Santo André: ESETec, 2002.</p>		
<p>LIMA, Manolita Correia. (Org.). Estágio supervisionado e trabalho de conclusão de curso. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2007.</p>		
<p>BIANCHI, Anna Cecília de Moraes. Manual de orientação. SP: Cengage Learning, 2009.</p>		
<p>Bibliografia Complementar</p>		
<p>BARROS, Marina Kataoka. Relações de poder em sala de aula de língua portuguesa de estágio supervisionado. Dissertação (mestrado) – U.F.C. Fortaleza-CE, 2009.</p>		
<p>FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A prática de ensino e o estagio supervisionado. Campinas: Papyrus, 1994.</p>		
<p>ARAUJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. Escola normal cearense em foco. Fortaleza: EdUECE, 2012.</p>		
<p>LIMA, Maria Socorro Lucena. O estagio supervisionado como elemento mediador entre a formação inicial do professor e a educação continuada. Fortaleza, 1995.</p>		
<p>OLIVEIRA, Raquel Gomes. Estágio Curricular Supervisionado. Brasil. Paco Editorial, 2009.</p>		
<p>Estágio II (6º semestre – 100 h/a)</p>		
<p>Ementa- Aprofundamento da reflexão em torno do sentido da ação educativa na escola</p>		

indígena passível de ser desenvolvida pelo egresso do PITAKAJÁ. Envolvimento com os professores indígenas em suas respectivas escolas buscando uma compreensão mais ampla da prática pedagógica.

Bibliografia Básica

ALBUQUERQUE, Leonízia Santiago de; LAGES, Paulo Augusto; ALMEIDA, Wilson Mesquita de; SILVA, Aida Maria Monteiro. **Educação para diversidade e cidadania**. Recife, PE: MEC, SECAD, ANPEd, 2007.

ALTERNATIVAS do ensino de didática. Campinas, SP: Papirus, 1997. 143p (Coleção Prática Pedagógica.).

MONTE, Nietta Lindenbergh. **Cronistas em viagem e educação indígena**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

GARCIA, Walter E. **Educação: visão teórica e prática pedagógica**. Sao Paulo: McGraw-Hill, c1975. 173 p. ISBN (broch.).

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno: contribuições a prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002. 87p. ISBN 8571771227(broch.)

Bibliografia Complementar

HIPPOLYTO, Luzia de Queiroz. **Avaliação dos resultados do SPAECE da 3ª série do ensino médio, em matemática, no Ceará, e sua repercussão na prática pedagógica dos professores**. Fortaleza-Ce, 2013.

MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **Formação, prática pedagógica e pesquisa em educação: retratos e relatos**. Teresina, PI: EDUFPI, 2011. 286 p. ISBN 9788574634128 (broch.).

SANTOS, Vilmar Aires dos. **Formacao docente e pratica pedagógica do professor de historia: dilaceramentos, embates e esperanças**. Fortaleza, 2001. 130fl. : Dissertacao (Mestrado) UFC 2001 Ivone Cordeiro Barbosa.

OLIVEIRA, Raquel Gomes. **Estágio Curricular Supervisionado**. Brasil. Paco Editorial, 2009.

DÁVILA, Cristina Maria. **Estágio Curricular Supervisionado na formação**. Brasil. Editora SRV, 2014.

Estágio III (100 h/a – 7º semestre)

Ementa- Planejamento das atividades docentes, tendo por base os estudos aprofundados já realizados em escolas indígenas e a produção de conhecimento. Envolvimento com o plano didático-pedagógico da escola indígena. Identificação e análises de estratégias de ensino,

natureza dos conteúdos e formas de avaliação.

Bibliografia Básica

- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. 3.ed. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 2001. 261p.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 61 p.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; SEVERINO, Antônio Joaquim. **Novos enfoques da pesquisa educacional**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora: Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo, SP: Cortez, 1998. 104p.
- MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999. 320p.

Bibliografia Complementar

- AIRASIAN, Peter W.; WOLF, Richard M.; HALLER, Emil J. **Avaliação educacional: planejamento, análise de dados, determinação de custos**. Petrópolis: Vozes, 1977. 164 p.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de **Etnografia da prática escolar**. 17. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. 128 p.
- EDUCAÇÃO e supervisão: o trabalho coletivo na escola**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1984. 103p.
- MELLO, Ana Maria. **O educador como gestor de espaços educacionais**. Porto Alegre, RS: Fundação Mauricio Sirotsky Sobrinho: Grupo Gerda, 2012. 78 p. (Mesa educadora para a primeira infância, 2) ISBN 9788576521440 (broch.).
- PORTO, Bernadete de Souza. **Bola de meia, bola de gude...: a criatividade lúdica, a formação e a prática pedagógica do professor-alfabetizador**. Fortaleza, 2001.

Estágio IV (100 – 8º semestre)

Ementa- Momento em que o futuro professor exerce a gerência da sala de aula em escolas indígenas. Apresentação do memorial de Licenciatura Intercultural Indígena.

Bibliografia Básica

- GADOTTI, Moacir. **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993. 120p. :
- GADOTTI, Moacir. **Comunicação docente: ensaio de caracterização da relação**

educadora. 3. ed. São Paulo: Loyola, [19--]. 142p. ISBN (broch.)

GONÇALVES, Ana Angélica Matos Rocha; **Formação de professores mediada por tecnologia: a televisão como recurso pedagógico**. Feira de Santana, BA: UEFS, 2003. 114 p.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 191p. ISBN 85-326-2301-8 (broch.)

WAIZBORT, Leopoldo. **E. Durkheim, M. Weber, Th. W. Adorno**. São Paulo, SP: USP, 1993. ix, 94 p.

Bibliografia Complementar

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro**. 2. Ed. Sao Paulo: Ática, 1994. 112p.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001. 132 p.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. Sao Paulo: Paz e Terra, 1990. 167p

FREIRE, Ana Maria Araujo. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo a ideologia nacionalista, ou, de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguacu)**, Filipas, Madale. Sao Paulo: Cortez; 1989. Brasília,

MIRANDA, Maria Irene. **Estágio Supervisionado e prática de ensino**. Brasil. Junqueira&Marin, 2014.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

(Regulamento na seção 19, página 104)

Carga Horária: 50h/a

Semestre: 8º (sem pré – requisito)

Ementa- Elaboração de relatório didático, artigo científico ou monografia, desenvolvido em grupo ou individualmente, que possibilite o registro e a compreensão de aspectos da organização social de índios no Brasil .

Bibliografia Básica

CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Construindo o saber: metodologia científica: fundamentos e técnicas**. 8.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

CONDURÚ, Marise Teles; PEREIRA, José Almir Rodrigues. **Elaboração de trabalhos acadêmicos: normas, critérios e procedimentos**. Belém, Pa: EDUFPA, 2005. 184 p. ISBN 8588998076 (broch.)

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. RJ: Paz e Terra, 1974.

GIMENO SACRISTÁN, José; GOMES, A. I. Perez. **Comprender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MORAES, Irany Novah. **Elaboração da pesquisa científica**. 3. Ed. Rio de Janeiro; Atheneu, 1990.

Bibliografia Complementar

FAURE, Edgar; CAVACO, Maria Helena; LOMBA, Natércia Paiva. **Aprender a ser**. 2. Ed. Lisboa: Bertrand, 1977.

FLORIANI, Jose Valdir. **Professor e pesquisador: (exemplificação apoiada na matemática)**. 2. Ed. Blumenau: Ed. da FURB, 2000.

GALLOIS, Dominique T.; MUSEU DO INDIO (RIO DE JANEIRO, RJ); INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO INDÍGENA.

Povos indígenas no Amapá e norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Museu do Índio; São Paulo, SP: Iepé, 2009. 96p. ISBN 9788598046068 (Broch.).

GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A.

Cartografias do trabalho docente: professor (a)-pesquisador (a). Campinas, SP: Mercado de Letras; 1998.

ALMEIDA, Mário de Souza. **Elaboração de projeto, TCC...Brasil**. Editora Atlas, 2014.

12 METODOLOGIAS DO ENSINO – APRENDIZAGEM.

Os processos didáticos que promovem a relação entre os atos de ensinar e os de aprender possuem dois campos empíricos de realização alternada e cíclica, isto é, obedecendo a um rodízio acima apresentado no qual as ações letivas acontecem na universidade (Tempo-Escola) e nas aldeias participantes do LII-PITAKAJÁ (Tempo-Comunidade). Em ambos os casos as atividades didáticas são habitualmente compostas da seguinte maneira:

- a) Processos dialogais e críticos pautados por determinados aportes teóricos e bibliográficos;
- b) Utilização quando possível de mídias individuais (notebooks) que aperfeiçoam a confecção de relatórios, pesquisas na internet, usos de dicionários entre outras possibilidades;
- c) Utilização de mídias coletivas (Data Show) para projeção de mapas, tópicos textuais, imagens paradas, longas e curtas metragem que incrementem a atenção e os debates sobre os conteúdos selecionados;

- d) Elaboração de ensaios de investigação social que tem como eventos empíricos de análise, os fenômenos sociais presentes nas aldeias das etnias participantes do curso;
- e) Participação de indígenas não cursistas na organização logística e estrutural do Tempo-Comunidade que é realizado nas aldeias, ou seja, no aprontamento de dormitórios, banheiros, cozinha e alimentação.
- f) Organização de Noites Culturais em ambas as etapas de Tempo-Comunidade e Tempo-Escola, nas quais as manifestações das culturas indígenas participantes do LII-PITAKAJÁ se relacionam com mais precisão e intensidade à disciplina que está sendo ministrada pelo Consultor-Docente.
- g) Organização da Plenária PITAKAJÁ, em ambas as etapas de Tempo-Comunidade e Tempo-Escola, nas quais temáticas diretamente relacionadas ao curso são pautadas e debatidas por cursistas, lideranças Indígenas convidadas, Consultor-Docente, Coordenações Geral, Indígena e Pedagógica e Assistente de Integração.
- h) Avaliação coletiva do Plano de Ensino do Consultor-Docente que é responsável por determinada disciplina, no intuito de perceber lacunas, redundâncias e promover ajustes didáticos, avaliativos e de conteúdo quando se julgar coletivamente necessário.
- i) Participação em acontecimentos urgentes promovidos pelo Movimento Indígena da Aldeia anfitriã, com vistas a incrementar a relação ensino-aprendizagem, sempre que deliberado coletivamente.
- j) Participação especial de Lideranças Indígenas nas ações letivas do curso, sempre que os cursistas e Consultor-Docente avaliarem ser necessário para o melhoramento didático, meritório e crítico dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.
- k) Organização prévia das etapas elaborada em reunião de uma comissão compostas por cursistas da aldeia anfitriã e as Coordenações Geral, Pedagógica e Indígena e um Assistente de Integração.
- l) Ritualização do Toré diariamente na primeira metade de hora/aula do turno da manhã, ou sempre que os cursistas avaliarem ser necessário

o chamamento da espiritualidade indígena para solucionar demandas da alma ou de outras qualidades.

- m) Organização de uma palestra por etapa na qual temas que envolvem o Movimento Indígena possam ser expostos por pessoa especializada e debatidos pelos cursistas.
- n) As estruturas escolares localizadas nas aldeias, bem como no prédio do CH 3, onde devem acontecer as aulas, há acessibilidade proporcionada por rampas e elevador.

13 INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

Tabela I – Integralização Curricular

Semest	Nome do Componente Curricular	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	Carga Horária Total	Pré-requisito (s)
1º	Culturas e Identidades Indígenas	50 h/a	00	50 h	Não há
	Narrativas, Mitos e Rituais.	50 h/a	00	50 h	Não há
	Medicina Tradicional	50 h/a	00	50 h	Não há
	Línguas Indígenas	100 h/a	00	100 h	Não há
	Artes étnicas: Pinturas, Artesanato e Desenhos Corporais.	50 h/a	00	50 h	Não há
	Religião e Espiritualidade Indígena	50 h/a	00	50 h	Não há
	TOTAL PARCIAL HORAS AULA I	350			
2º	Tradições Culturais Afros Brasileiras	50 h/a	00	50 h	Não há
	Movimento Indígena no Ceará	50 h/a	00	50 h	Não há
	Meio Ambiente e Território Indígena	50 h/a	00	50 h	Não há
	Antropologia Indígena no Brasil	50 h/a	00	50 h	Não há
	Sociologia e Humanismo	50 h/a	00	50 h	Não há
	Teoria e Ensino de Sociologia	100 h/a	00	100 h	Não há
	TOTAL PARCIAL HORAS AULA II	350			
3º	Pensamento Social Brasileiro	50 h/a	00	50 h	Não há
	Cidade e Campo no Brasil	50 h/a	00	50 h	Não há
	Pensamento Político Brasileiro	50 h/a	00	50 h	Não há
	Estado, Democracia e Sociedade.	50 h/a	00	50 h	Não há
	Gestão Escolar Indígena	50 h/a	00	50 h	Não há
	Sociologia das Organizações	50 h/a	00	50 h	Não há
	Sociologia da Educação	50 h/a	00	50 h	Não há
TOTAL PARCIAL HORAS AULA III	350				
4º	Diversidades Socioculturais	50 h/a	00	50 h	Não há
	Modelos de Ensino e Aprendizagem	50 h/a	00	50 h	Não há
	Direitos Humanos e Educação	50 h/a	00	50 h	Não há
	Fundamentos Legais da Escola Indígena	50 h/a	00	50 h	Não há
	Sistemas e Políticas Educacionais no Brasil	50 h/a	00	50 h	Não há

	Prática Docente I - PCC	50 h/a	00	50 h	Não há	198
	Prática Docente II - PCC	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Prática Docente III - PCC	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Prática Docente IV - PCC	50 h/a	00	50 h	Não há	
	TOTAL PARCIAL HORAS AULA IV					450
5º	Método e Técnica de Pesquisa - PCC	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Projeto Técnico e Acadêmico - PCC	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Leitura e Prod. de Texto Acadêmico - PCC	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Língua Brasileira de Sinais LIBRAS - PCC	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Etno Matemática	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Introdução ao Cálculo	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Matemática Fundamental	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Estágio I	50 h/	50 h	100 h	Não há	
	TOTAL PARCIAL HORAS AULA V					450
6º	Introdução à Estatística	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Matemática Financeira	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Geometria Euclidiana	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Geometria Analítica Plana	50 h/a	00	50 h	Não há	
	História Antiga	50 h/a	00	50 h	Não há	
	História Medieval	50 h/a	00	50 h	Não há	
	História Moderna	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Estágio II	50 h/	50 h	100 h	Não há	
	TOTAL PARCIAL HORAS AULA VI					450
7º	História Contemporânea	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Índios e o Colonialismo no Brasil	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Índios e a República no Brasil	50 h/a	00	50 h	Não há	
	História dos Índios no Ceará	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Estudos Coloniais e Pós Coloniais	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Língua Portuguesa	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Língua Portuguesa; Fonologia.	50 h/a	00	50	Não há	
	Estágio III	50 h/	50 h	100 h	Não há	
	TOTAL PARCIAL HORAS AULA VII					450
8º	Língua Portuguesa: Frase.	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Língua Portuguesa: Vocábulo.	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Língua Portuguesa: Texto e Discurso.	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Introdução à Linguística	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Fundamentos Linguísticos e Ensino de Alfabetização	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Sociolinguística	50 h/a	00	50 h	Não há	
	TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.	50 h/a	00	50 h	Não há	
	Estágio IV	50 h/	50 h	100 h	Não há	
	TOTAL PARCIAL HORAS AULA VIII					450
VÁRIOS SEMES.	ATIVIDADES COMPLEMENTARES					200
	TOTAL GERAL DE HORAS / AILAS					3500

13.1 EQUIVALÊNCIAS

Informa-se que esta integralização curricular não possui equivalências de disciplinas em virtude de a mesma recair apenas sobre os alunos novos que ingressarão em 2016.2.

14 DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA DO CURSO

TABELA III- DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA DO CURSO

Tipo do Componente	Componente Curricular	Carga horária
Componentes Obrigatórios	Disciplinas Obrigatórias	2850 horas
	Estágio Supervisionado Obrigatório	400 horas
	Trabalho de Conclusão de Curso Obrigatório	50 horas
	Atividades Complementares Obrigatório	200 horas
TOTAL		3500 horas

15 LIMITES DE CARGA HORÁRIA POR SEMESTRE

TABELA IV- DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA POR SEMESTRE

Carga Horária por semestre	Nº de Horas
Carga Horária Mínima	350 horas
Carga Horária Média	437,5 horas
Carga Horária Máxima	450 horas

16 LIMITES DE PRAZOS PARA CONCLUSÃO DO CURSO

TABELA V – PRAZOS PARA CONCLUSÃO DO CURSO

Prazo	Duração	Nº de semestre
Mínimo	04 anos	08 semestres
Médio	05 anos	10 semestres
Máximo	06 anos	12 semestres

Obs: o prazo máximo de conclusão do curso poderá ser estendido caso os recursos anuais enviados pela SECADI/MEC à Universidade Federal do Ceará, tenha algum tipo de atraso.

17 PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR.

As Práticas de Componentes Curriculares possuem uma carga horária total de 400 horas/aulas e buscam relacionar em suas atividades todas as disciplinas de cada Núcleo de Formação deste Projeto Pedagógico, conforme orientação do Conselho Nacional de Educação: “a prática não se restrinja a um espaço isolado, desarticulado do restante do curso, mas que esteja presente desde o início da formação e que permeie todas as etapas do curso, sendo incorporada no interior das áreas ou das disciplinas que constituem os componentes curriculares da formação e não apenas nas disciplinas pedagógicas”.

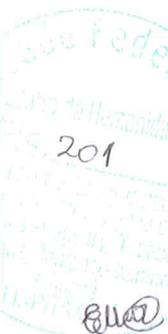
Nesses termos, as Práticas de Componentes Curriculares devem ser efetivadas nas etapas de Tempo-Escola (Campus Universitários) e Tempo-Comunidade (Aldeias) por meio de: 1) leituras teóricas; 2) debates; 3) soluções de dúvidas e 4) do acompanhamento que o discente indígena fará das ações letivas (didáticas, metodológicas e avaliativas) que determinado Consultor-Docente realizará em certa disciplina.

Informa-se que o Consultor-Docente e sua respectiva disciplina serão escolhidos pelo professor de Prática Docente juntamente com os alunos indígenas, a fim de desenvolver ações letivas. A supervisão dessas ações discentes será realizada pelo professor que ministrará as quatro disciplinas de Práticas Docentes que, por sua vez, orientá-los (a distância ou presencialmente) em leituras teóricas, realizações de discussões, solução de dúvidas, encaminhamentos de tarefas e produção de relatório descritivo-crítico.

As disciplinas que compõem as Práticas Como Componente Curricular são:

Prática Docente I - PCC	50 horas / aulas
Prática Docente II - PCC	50 horas / aulas
Prática Docente III - PCC	50 horas / aulas
Prática Docente IV - PCC	50 horas / aulas

Métodos e Técnicas de Pesquisa - PCC	50 horas / aulas
Projeto Técnico e Acadêmico - PCC	50 horas / aulas
Leitura e Produção de Textos Acadêmicos - PCC	50 horas / aulas
Lingua Brasileira de Sinais – LIBRAS - PCC	50 horas / aulas
Total	400 horas / aulas



18 MANUAL DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

O Estágio Curricular Supervisionado é obrigatório e consiste em atividades de acompanhamento didático-pedagógico que o cursista realiza sob a orientação de um professor (Consultor-Docente). Esse estágio é desenvolvido pelos discentes do LII-PITAKAJÁ, habitualmente, em salas de aulas das escolas indígenas de suas respectivas aldeias. De maneira excepcional esse Estágio também poderá ser realizado em organizações escolares de caráter municipal, estadual, não governamental e da rede privada de ensino.

18.1 DIREITOS E DEVERES

O aluno poderá se matricular no estágio tão logo ele integralize a carga horária dos quatro semestres iniciais do curso. Não obstante a matrícula e após essa ser efetivada, o cursista deverá encaminhar à escola em que ele pretende desenvolver o estágio, declaração específica da coordenação do LII-PITAKAJÁ solicitando à direção escolar permissão para realizar o estágio em suas dependências. Em consequência disso, o discente se obriga a apresentar ao professor (Consultor Docente) um documento formal da escola indígena, redigido em papel timbrado e assinado pela direção da instituição, autorizando o mesmo a realizar o estágio.

O objetivo principal desse Estágio é promover a inclusão dos cursistas em ambientes escolares nos quais os processos de ensino-aprendizagem possam ser observados e acompanhados pelos licenciandos indígenas, sob a supervisão de um professor (Consultor-Docente), com vistas a compreender a pluralidade didática e metodológica manifesta por professores das escolas selecionadas. Essa compreensão oportunizará aos cursistas o exercício da criticidade ao relacionarem os modos que se operam os atos de ensinar e aprender nos ambientes escolares

eleitos para realização desse Estágio. Com efeito, os alunos (as) desta licenciatura estarão adquirindo saberes e conhecimentos múltiplos que incrementará com êxito sua formação docente.

O Estágio Curricular Supervisionado possui 400 horas/aulas (aproximadamente 9% da carga horária total do curso) sendo que a metade desse total poderá ser aproveitada com as atividades docentes que os indígenas desenvolvem nas escolas diferenciadas de suas respectivas aldeias. As 200 horas/aula restantes serão cursadas normalmente até que o aluno indígena integralize as 200 horas/aulas não aproveitadas e satisfaça, também, esse requisito para colação de grau. É importante destacar que a carga horária semanal do estagiário não poderá ultrapassar o que é previsto no Cap. IV da Lei 11.788.

O acompanhamento das ações do Estágio Curricular Supervisionado será efetivado por meio de orientações presenciais ocorridas, habitualmente, duas vezes por mês e com duração de 4 horas/aulas para cada seção de orientação coletiva. Essas orientações poderão ser realizadas nas aldeias ou na universidade, ficando o professor (Consultor-Docente) e o cursista envolvidos no Estágio, responsáveis pela gestão dos critérios definidores dos locais, data e horários de orientação. A coordenação do curso se responsabilizará pela verificação do bom desempenho das atividades de estágio e da relação professor-aluno. Ressalta-se que o estágio poderá ser realizado de maneira individual ou em grupo.

A avaliação do Estágio Curricular Supervisionado será realizada por meio da elaboração, pelo cursista, de um relatório semestral descritivo e crítico contendo as seções meritórias que o professor (Consultor-Docente) o orientou a desenvolver nas escolas selecionadas. A entrega desse relatório deverá obedecer aos prazos das atividades letivas semestrais previstas no calendário acadêmico da UFC.

A aprovação no estágio estará condicionada a aquisição pelo estagiário de nota igual ou superior a 7,0 (sete). Ao mesmo tempo, sua frequência não poderá ser menor que 90% da carga horária semestral que cada um dos quatro estágios possui. Caso isso ocorra o cursista será reprovado por faltas. Em outra situação, se o aluno obter nota igual ou superior a 4,0 (quatro) e menor que 7,0 (sete), ele terá direito a realização de uma Avaliação Final. Nesse caso, sua média com vista a aprovação será de 5,0 (cinco) pontos. Caso o aluno não consiga aprovação em algum dos quatro estágios distribuídos entre os semestres quinto (Estágio I-100h/a), sexto (Estágio II - 100h/a), sétimo (Estágio III - 100h/a) e oitavo (Estágio IV -

100h/a), ele poderá cursá-lo novamente em semestre a ser definido em acordo com a coordenação.

Os documentos legais que apoiaram a elaboração desse regulamento do Estágio Curricular Supervisionado estão abaixo elencados.

- a) Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (Art.82). Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996;
- b) Projeto Pedagógico do Curso;
*Resolução Nº 12/CEPE, de 19 de Junho de 2008 que dispõe sobre procedimentos a serem adotados em caso de reprovação de “Reprovação por Frequência” na UFC;
- c) Resolução Nº 32/CEPE de 30 de outubro de 2009 que disciplina o programa de Estágio Curricular Supervisionado para os estudantes dos cursos regulares d UFC;
- d) Lei 11.788 de 25 de setembro de 2008 que dispõe sobre estágio de estudantes;
- e) Resolução CNE/CES Nº 02 de 18 de junho de 2007 que dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelado, na modalidade presencial;
- f) Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso;
- g) Parecer CNE/CES Nº 416/2012 aprovado em 8 de novembro de 2002 que trata de consulta sobre estágio no exterior;
- h) Resolução Nº 23/CEPE, de 03 de outubro de 2014, que estabelece normas visando a fortalecer o ensino de graduação e de pós-graduação, a pesquisa e a extensão, ao fixar o regime de trabalho e carga horária dos professores do Magistério Superior da UFC E dá outras providências.

Os casos omissos serão resolvidos pela coordenação do curso e pelo setor de estágios da Universidade Federal do Ceará.

19 MANUAL DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

O TCC do LII-PITAKAJÁ é obrigatório e consiste na elaboração de 1 trabalho que pode ser classificado em duas qualidades, a saber: o Didático ou o Científico. Ressalta-se que o cursista desenvolverá apenas 1 TCC entre as 4 possibilidades elencadas abaixo.

O TCC Didático corresponde ao desenvolvimento, por opção do cursista, de uma entre três propostas que se seguem:

1) **livro didático** (mínimo de 50 páginas) que descreva as metodologias de ensino-aprendizagens encontradas no universo empírico selecionado pelo cursista;

2) **cartilha cultural** (mínimo de 10 páginas) que seja constituída por desenhos, etno imagens, letras de músicas indígenas e narrativas míticas;

Caso o licenciando não queira realizar nenhuma modalidade do TCC Didático, ele poderá escolher 1 entre duas opções do TCC Científico abaixo descritas.

1) **Artigo Científico (mínimo de 10 páginas)** que selecione uma temática pertinente para os índios do PITAKAJÁ e desenvolva uma reflexão ensaística dentro de um espaço de no mínimo 10 laudas de elementos textuais e no máximo 20 laudas dos mesmo elementos, normatizadas pelo Manual de Trabalhos Acadêmicos da UFC;

2) **Monografia** (mínimo de 50 páginas) que selecione uma temática pertinente para os índios do PITAKAJÁ e desenvolva uma reflexão aprofundada dentro de um espaço de no mínimo 50 laudas de elementos textuais e no máximo 70 laudas dos mesmo elementos, normatizadas também pelo Manual de Trabalhos Acadêmicos da UFC.

Ressalta-se que as modalidades de TCCs prevista acima devem ser formatadas em acordo com o Guia de Normatização da UFC.

A importância da realização do TCC para o aluno recai na almagra entre conhecimentos acadêmico-científicos e saberes tradicionais que possibilitam ao cursista indígenas lançar mão de olhares plurais para apreciação de suas realidades socioculturais híbridas de manifestações e significados. Para o curso sua relevância se desdobra na oportunidade de vivenciar manifestações tradicionais das culturas índias em conformidade com as abordagens teóricas e metodológicas pertinentes a ciência e a academia em geral.

Sublinha-se que o aluno poderá efetivar a matrícula no TCC tão somente no último semestre do curso, haja vista que a envergadura das disciplinas e atividades outras que compõem os semestres anteriores, limitariam sobremaneira, a realização com qualidade desse trabalho.

Informa-se que os TCCs serão realizados dentro de 50 horas/aulas postas no último semestre e necessárias enquanto um dos requisitos para colação de grau. Seu desenvolvimento requer orientação específica e poderá ser realizado individualmente, em dupla ou em trio de cursistas.

O acompanhamento e a orientação do TCC acontecerão por meio de encontros quizenais entre o professor (Consultor-Docente) e o aluno envolto no trabalho. A escolha do professor orientador é habitualmente proposta pelo aluno em acordo com a coordenação do curso e deve seguir critérios de aderência temática, teórica e /ou metodológica do professor-orientador em relação ao tipo de TCC que o cursista pretende desenvolver. Sua avaliação será efetuada no final do semestre por meio de uma Banca Examinadora constituída pelo orientador e mais dois professores convidados da própria UFC ou de outras instituições de ensino superior pública ou privada. Destaca-se que a escolha dos dois docentes que comporão a Banca Examinadora deverá ser realizada pelo professor-orientador e sob a luz da aderência temática, metodológica e teórica.

Os itens que devem ser avaliados no trabalho escrito são: problematização, objetivos, justificativa, metodologia, aporte teórico, campo de análise, considerações finais e formatação técnica do relatório. Em se tratando de TCC com vídeo documentário os itens a serem avaliados devem considerar: objetivos, justificativa, metodologia, aporte teórico, campo de análise, aspectos qualidade da edição audio-visual, considerações finais. Em situações em que o aluno não alcançar média igual ou superior a sete e/ou, ao mesmo tempo, sua frequência for inferior a 90%, o discente não obterá aprovação e deverá se matricular novamente a fim de realizar novo TCC. Nessas situações, a coordenação do curso buscará reunir-se com o professor orientador e o cursista não aprovado, a fim de construir ou ajustar um percurso de produção do TCC que almeje melhor qualidade e, conseqüentemente, tenha sucesso. Por outro lado, quando o cursista obtiver nota igual ou superior a 7,0 (sete) e frequência igual ou superior a 90%, seu TCC estará aprovado.

Ao finalizar a redação/edição do TCC que será apresentado, o aluno deverá entregar uma cópia a cada professor, perfazendo o total de três cópias. Sendo aprovado, ele deverá editar uma cópia impressa e digital com os ajustes proposto pela Banca Examinadora, submeter esses ajustes ao seu orientador em um prazo máximo de 20 dias (a contar do dia da defesa) e entregar a versão definitiva na biblioteca central do Centro de Humanidades. Os prazos para que a defesa do TCC seja agendada, bem como para entrega das vias definitivas (impressa e eletrônica) à biblioteca devem ser orientados pelas indicações propostas no calendário acadêmico da UFC, isto é, a defesa do TCC deve ser realizada pelo menos 25 dias antes da colação de grau e a entrega das versões definitivas (impressa e eletrônica) à biblioteca central do Centro de Humanidades deve ocorrer 5 dias antes da colação de grau. Se por algum motivo legal o cursista não puder realizar a apresentação oral de seu TCC, uma nova data será agendada entre todos os participantes (orientador, professores convidados e concludente) e sua colação de grau ocorrerá em data especial a ser agendada pelo Gabinete do Reitor. A entrega do TCC em formulário eletrônico deve seguir as recomendações presentes no Ofício Circular N° 04/2014/BU e informações dispostas no endereço eletrônico www.biblioteca.ufc.br.

Os documentos legais que apoiaram a elaboração desse regulamento do Trabalho de Conclusão de curso estão abaixo elencados.

- a) Projeto Pedagógico do Curso;
- b) Resolução N° 12/CEPE, de 19 de Junho de 2008 que dispõe sobre procedimentos a serem adotados em caso de reprovação de “Reprovação por Frequência” na UFC;
- c) Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso;
- d) Resolução N° 23/CEPE, de 03 de outubro de 2014, que estabelece normas visando a fortalecer o ensino de graduação e de pós-graduação, a pesquisa e a extensão, ao fixar o regime de trabalho e carga horária dos professores do Magistério Superior da UFC e dá outras providências.
- e) Regimento Geral da UFC.

Os casos omissos serão resolvidos pela coordenação do curso.

20 MANUAL DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

As Atividades Complementares correspondem a ações realizadas pelos discentes sem a necessidade de realização de matrícula formal, haja vista que trata-se de eventos diversos que o cursista poderá participar ou desenvolver no âmbito da universidade, das aldeias indígenas ou da sociedade em geral.

A realização das Atividades Complementares torna-se importante para o aluno na medida em que elas possibilitam a incorporação de experiências e vivências, conhecimentos e saberes que amálgamam olhares específicos das culturas indígenas e abordagens teóricas e metodológicas presentes na academia. Com efeito, a formação do discente do LII-PITAKAJÁ torna-se mais plural e complexa. Noutro plano, essas atividades tornam-se relevantes para o curso especialmente porque elas oportunizam ampliar e aprofundar os diálogos e reflexões que alunos e professores do curso realizam em outras ações e esferas acadêmicas.

As Atividades Complementares desta Licenciatura são obrigatórias e requisitos necessários para a integralização curricular e, por conseguinte, para a formação do cursista. Ao todo elas possuem 200 horas/aulas e estão distribuídas entre os sublinhados eventos:

Eventos acadêmicos: Total de 30 horas (adquirir em um ou mais eventos)

Eventos artísticos culturais: Total de 80 horas (adquirir em um ou mais eventos)

Eventos de políticas indígenas e Indigenismo: Total de 50 horas (adquirir em um ou mais eventos)

Cursos relacionados à educação: Total de 40 horas (adquirir em um ou mais eventos).

Essas atividades podem ser realizadas ao longo de todo o curso e é de responsabilidade integral do cursista apresentar os respectivos comprovantes (Declarações ou certificados dos organizadores) à Coordenação Pedagógica ou geral do Curso, que participou ou desenvolveu as atividades acima descritas com suas respectivas cargas horárias. Essas coordenações, juntamente com seu corpo de servidores e colaboradores serão responsáveis pelo acompanhamento, pela

conferência e registro dos documentos comprobatórios das ²⁰⁸atividades complementares. Informa-se, ainda, que é competência da coordenação do curso realizar o acompanhamento ao discente realizando reuniões coletivas e ⁸¹⁶individuais de esclarecimento, indicando possíveis eventos que podem compor as Atividades Complementares e ressaltando a importância dessas atividades para a formação do discente. Os documentos comprobatórios devem ser entregues até 90 dias antes de o aluno concluir seu último semestre do curso.

- a) Regimento Geral da UFC.
- b) Projeto Pedagógico do curso;
- c) Resolução Nº 07/CEPE, de 17 de junho de 2005, que dispõe sobre as atividades complementares dos cursos de graduação da UFC.
- d) Resolução CNE/CES Nº 02 de 18 de junho de 2007 que dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelado, na modalidade presencial;

Os casos omissos serão resolvidos pela coordenação do curso.

21 AVALIAÇÕES DO ENSINAR E APRENDER

Os processos de ensino e aprendizagem serão acompanhados por Consultores-Docentes respectivos para cada Componente Curricular. Esse acompanhamento será efetivamente presencial. Os modos de avaliação desses processos serão propostos autonomamente pelo Consultor-Docente, mas poderão ser ajustados pelos cursistas se for verificado a necessidade de solução de demandas avaliativas.

Em geral as avaliações correspondem a assiduidade, pontualidade, participação no debates em sala, provas individuais e coletivas, com e sem consulta, apresentação de seminários, desenvolvimento de ensaios de pesquisa social, elaboração de relatórios, auto avaliação, encenação de peças teatrais, confecção de artesanatos, pinturas e danças indígenas, entre outras.

A nota média para se obter aprovação é 7 (sete). Entretanto, o cursista que adquirir uma nota inferior a 7 (sete) e superior a 4 (quatro) poderá pleitear uma avaliação final cuja média de aprovação será 5 (cinco). Por outro lado, o licenciando

que obter uma média igual ou inferior a 4 (quatro) será reprovado no Componente Curricular e terá que cursá-lo novamente.

No tocante as presenças, o cursista que se ausentar das disciplinas sem uma justificativa legal, e compor percentual total de faltas superior a 25 % em uma disciplina, estará reprovado, mesmo que tenha obtido média semestral igual ou superior a 7,0 (sete). Contudo, o aluno indígena poderá se matricular novamente na disciplina que ficara reprovado, a fim de que possa integralizar sua carga horária. No caso das atividades o aluno deve obter pelo menos 90% de presença para ser aprovado por frequência.

22 AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO.

O Projeto Pedagógico do Curso LII PITAKAJÁ será avaliado por discentes e docentes em três momentos do curso, saber:

- a) Nas Plenárias PITAKAJÁ que devem ocorrer em uma noite de todas as etapas do curso, na qual serão debatidos equívocos e acertos do componente curricular que estará sendo ministrado.
- b) Nos Seminários Semestrais nos quais discentes e docentes devem refletir propositivamente sobre a relação entre o PPC e as demandas reais que os alunos percebem nas escolas indígenas.
- c) Em Reuniões Colegiadas Semestrais (NDE e Colegiado) nas quais os professores devem ponderar sobre aspectos do PCC que devem ser ajustados ou mentidos.

Essa tríade de avaliações deve ser relacionada a ajustes indicados por comissões externas (exemplo: INEP/MEC), a fim de que a qualidade do curso possa ser melhorada em termos pedagógicos, acadêmicos, metodológicos, estruturais e organizacionais.

23 INFRAESTRUTURA DO CURSO

O curso LII – PITAKAJÁ é vinculado ao Centro de Humanidades

A sala da Coordenação Geral do LII-PITAKAJÁ é localizada no Campus do Benfica, CH 03, no terceiro piso do Departamento de Ciências Sociais..

As etapas de Tempo-Escola do LII-PITAKAJÁ são desenvolvidas no Campus Universitário do Benfica, no CH 3, onde o Departamento de Ciências

Sociais, sempre que possível, sede o auditório Luiz de Gonzaga para a realização das ações letivas do curso.

As etapas de Tempo-Comunidade são realizadas em escolas indígenas diferenciadas das etnias participantes do curso e constam com a infraestrutura local: salas de aulas, cozinhas, banheiros, 01 auditório e 01 laboratório de informática.

A Biblioteca que é utilizada pelo curso é a de Humanidades, localizada no CH 01. Enquanto recursos humanos o curso possui uma servidora da UFC, duas Assistentes, dois Assistentes de Integração UFC/PITAKAJÁ, dois bolsistas, um Núcleo Docente Estruturante (NDE) composto por cinco professores e um Coordenador Geral. Informa-se, ademais, que, excetuando-se o NDE, o curso não possui corpo docente permanente e que os Consultores-Docentes que atuam no LII-PITAKAJÁ são convidados de outros cursos, departamentos e campus da UFC, bem como outras Instituições de Ensino Superior Federais.

24 REFERÊNCIAS NORMATIVAS

AIRES, Joubert Max Maranhão Piorsky. A escola entre os índios Tapeba: o currículo num contexto de etnogênese. Fortaleza: UFCE, 2000. 165 p. (Dissertação de Mestrado)

ALMEIDA, Geraldo Gustavo de. Perna de Pau. In: HERÓIS indígenas do Brasil: memórias sinceras de uma raça. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988. p. 103.

ALMEIDA, Rita Heloisa de. Relatório de viagem ao município de Caucaia, Ceará. Brasília: CTI/SG/MIRAD, 1986. 51 p.

ALMEIDA, Tereza Cristina Cruz. Práticas pedagógicas em educação ambiental: a Escola Diferenciada de Educação Infantil e Ensino Fundamental Tapeba Conrado Teixeira. UFC, 2007 (Dissertação de Mestrado)

ASSIS, Soraya Campos de Almeida. Abordagem Histórica com finalidade para suporte ao reconhecimento étnico do Grupo Indígena Pitaguary. Brasília: FUNAI/DAF/DEID, 1998.

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. A invenção multilocalizada da tradição: os tapebas de Caucaia. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 96, p. 103-11, 1997.

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. Economia Tapeba: atividades econômicas e suas formas de organização. Rio de Janeiro: Peti, 1987. (paper)

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. Os índios Tapebas. In: CORDEIRO, José. Os índios no Siará: massacre e resistência. Fortaleza: Hoje/Assessoria em Educação, 1989. p. 191-3

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. Tapebas, tapebanos e pernas-de-pau: etnogênese como processo social e luta simbólica. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. 692 p. (Dissertação de Mestrado)

BEZERRA, Roselane Gomes. O despertar de uma etnia: o jogo do (re)conhecimento da identidade indígena Jenipapo-Kanindé. Fortaleza: UFCE, 1999. (Dissertação de Mestrado)

BRITO, Maria de Fátima. Relatório de reconhecimento étnico dos índios Pitaguary e de identificação, delimitação e levantamento fundiário da terra indígena Pitaguary, 1999.

CEARÁ, Governo do Estado, 2000: Decreto nº 25.970, de 31 de julho de 2000. Cria as escolas indígenas e dá outras providências. [Diário Oficial do Estado, série 2, ano III, nº 147]. Fortaleza, 02 de agosto de 2000.

CEARÁ, Governo do Estado, 2000: Decreto nº 25.970, de 31 de julho de 2000. Cria as escolas indígenas e dá outras providências. [Diário Oficial do Estado, série 2, ano III, nº 147]. Fortaleza, 02 de agosto de 2000.

CEARÁ/SEDUC, 1999: Planejamento das ações de educação escolar indígena no Ceará. Fortaleza (digitado).

COMITÊ DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, 1994: Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena. – 2ª ed. Brasília: MEC/SEF/DPEF.

CORDEIRO, José. Os índios no Siará: massacre e resistência. Fortaleza: Hoje/Assessoria em Educação, 1989. 272 p. 62

FACED/UFC et Al., 2002: Curso de Magistério Indígena Tremembé – nível médio [projeto]. Fortaleza (digitado).

VASCONCELOS, J. Gerardo (org): Ditos (mau) ditos. Fortaleza: LCR.

GOMES, Jussara Vieira. Breve informação sobre os índios do município de Caucaia, Estado do Ceará. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1985.

GOMES, Jussara Vieira. Relatório sobre os índios do município de Caucaia, Ceará. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1985.

HJERPE, Karen. Food, nutrition and identity in Northeastern Brazil: a case study among the Tapeba of Ceara. Gainesville: Univer. of Florida, 1998. (Ph.D. Thesis)

MATO GROSSO/UNEMAT, 2001: 3º grau indígena: projeto de formação de professores indígenas. Barra do Bugres, MT: UNEMAT; Brasília: DEDOC/FUNAI.

MEC/SEF, 1998: Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília, 1998.

MEC/SEF, 1998: Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília, 1998.

MEC/SEF/DPEF, 1994: *Diretrizes para a política nacional de educação indígena*. In Cadernos de Educação Básica, série Institucional, v. 2. – 2ª ed. Brasília.

MEC/SEF/DPEF, 1994: *Diretrizes para a política nacional de educação indígena*. In

Cadernos de Educação Básica, série Insitucional, v. 2. – 2ª ed. Brasília.

MENDES, Evaldo e MONTEIRO, Karla V. C., 1997: Discussão sobre funcionamento, Gestão e concepção de educação escolar indígena. Almofala, CE (digitado).

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL/CEARÁ, 2001: Processo nº 0.15.000.000727/2001 – 53 – Construção de escolas, professores, área indígena, disponibilidade, remuneração, fornecimento de material, merenda escolar. Fortaleza, 08/06/2001 (digitado).

MONTE, Nietta L., 1996: Escolas da floresta: entre o passado oral e o presente letrado. Rio de Janeiro: Multiletra.

MONTE, Nietta L.: Subsídios para pensar os programas e currículos de formação de Professores indígenas – proposta seminário nordeste. S/L (digitado).

MONTE, Nietta L. Quem é o autor nos projetos de formação de professores indígenas – o caso do Acre. S/L (digitado).

NOLETO, Juliana et al. Estudo Etno-Ecológico Pitaguary. FUNAI, 2004. 63

OLIVEIRA, Kelly G. Cultura e memória: oralidade na transmissão das lendas e rituais indígenas tapeba. Fortaleza: UFCE, 2004. 78 p. (Monografia em Comunicação Social).

PALADINO, Mariana, 2001: Educação Escolar indígena no Brasil Contemporâneo: entre a “revitalização cultural” e a “desintegração do modo de ser tradicional”. Dissertação de Mestrado, PPGAS, Museu Nacional, UFRJ.

PINHEIRO, Joceny (Org.). Ceará, terra da luz, terra dos índios: história, presença, perspectivas. Fortaleza: MPF; Funai, 2002. 166 p.

PINHEIRO, Joceny de Deus. Arte de contar, exercício de lembrar: as narrativas dos índios Pitaguary. Fortaleza: PPGS da UFC, 2002 (Dissertação de Mestrado).

PINHEIRO, Joceny de Deus. Da Arte para o Exercício: Uma ²¹²Introdução às Narrativas Pitaguary. In: Joceny de Deus Pinheiro. (Org.). Ceará: Terra da Luz, Terra dos Índios. Fortaleza: Ministério Público Federal / FUNAI / IPHAN, 2002, p. 81-102.

PINHEIRO, Joceny de Deus. História, Memória e Identidade entre os Índios Pitaguary. In: Luiz Sávio de Almeida; Marcos Galindo. (Org.). Índios do Nordeste: Temas e Problemas. 01 ed. Maceió: EDUFAL, 2002, v. III, p. 229-271.

PINHEIRO, Joceny de Deus. Índios Pitaguary: um estudo sobre história, cultura e identidade. Fortaleza: UFC, 1999 (Monografia de Bacharelado).

PINTO, Alfredo Moreira. Tapeba. In: APONTAMENTOS para o dicionário geographico Brasileiro. v. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899. P. 559.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. "O Povoamento do Nordeste Brasileiro". In: Revista do Instituto do Ceará, t.51. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1937.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Ethymologia de algumas palavras indígenas. Rev. Trimensal do Instituto do Ceará, Fortaleza: Typ. Studart, n. 33, p. 208-27, 1919.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Aldeias indígenas e povoamento do Nordeste no final do século XVIII: aspectos demográficos da "cultura de contato". In: Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Hucitec / ANPOCS, 1993.